

CADERNETAS AGROECOLÓGICAS:

A REVOLUÇÃO SILENCIOSA DAS GUARDIÃS
DÁ AGROBIODIVERSIDADE



REFLEXÕES, **IMPACTOS E RESULTADOS** A PARTIR
DA APLICAÇÃO **DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS**
NO ÂMBITO DO PROJETO PRÓ-SEMIÁRIO

CADERNETAS AGROECOLÓGICAS:

A REVOLUÇÃO SILENCIOSA DAS GUARDIÃS
DÁ AGROBIODIVERSIDADE



REFLEXÕES, **IMPACTOS E RESULTADOS** A PARTIR
DA APLICAÇÃO **DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS**
NO ÂMBITO DO PROJETO PRÓ-SEMIÁRIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cadernetas agroecológicas : a revolução silenciosa das guardiãs da agrobiodiversidade. -- 1. ed. -- Feira de Santana, BA : Governo do Estado da Bahia, 2021.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-994888-2-5

1. Agrobiodiversidade 2. Agroecologia 3. Mulheres
4. Relatos pessoais.

21-74328

CDD-630

Índices para catálogo sistemático:

1. Agroecologia : Agricultura 630

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

GOVERNADOR: Rui Costa

VICE-GOVERNADOR: João Leão

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR)

SECRETÁRIO: Josias Gomes

**COMPANHIA DE
DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR**

DIRETOR-PRESIDENTE: Wilson Dias

**PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO
COORDENAÇÃO GERAL:** Cesar Maynard

**ASSESSORA DE GÊNERO
COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Ana Elizabeth Siqueira

EDIÇÃO DE CONTEÚDO

Elka Macêdo e Aline Queiroz

FOTOS

Manuela Cavadas; arquivos Pró-Semiárido;
arquivos equipes técnicas das organizações
não-governamentais parceiras

Irpaa; Cofaspi; Aresol; Cactus, Cooper;
Coopercur; APPJ; Sasop, Idesa, Sajuc.

PROJETO GRÁFICO / EDITORAÇÃO

Notre comunicação

SALVADOR

Av. Luiz Viana Filho - Conjunto Seplan - CAB
CEP: 41745 001 - Salvador - Bahia

CONTATOS

www.sdr.ba.gov.br

www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido

REDES SOCIAIS

Instagram: @sdrbahia

Facebook: facebook.com/carbahia

Twitter: @SDRBahia

SUMÁRIO

SUMÁRIO



Prefácio	7
Apresentação	9
A Caderneta Agroecológica enquanto metodologia inclusiva, reparadora e produtiva	10
Capítulo I - Questão de Gênero: Uma ATC que enxerga a mulher como protagonista	13
Capítulo II - Mapa da Agrobiodiversidade: Quando a mulher enxerga o seu lugar	61
Capítulo III - Vamos falar das anotações das cadernetas?	73
Capítulo IV - Legado: O que colhemos?	85
Capítulo V - O novo sempre vem: Perspectivas para o futuro	93
Referências	98





Caderneta Agroecológica

Maria Perpétua
Comunidade Serra da Besta, Uauá (BA)

Foto: Jean Silva

PREFÁCIO

Elisabeth Maria Cardoso¹

Partindo-se do reconhecimento das desigualdades a que as mulheres estão submetidas numa sociedade de lógica patriarcal, racista e capitalista, as mulheres da agricultura familiar, camponesa e tradicional no Brasil, no geral, sempre tiveram menos acesso à recursos, à assistência técnica e extensão rural. Quase sempre assumem sozinhas o trabalho doméstico e de reprodução da vida e ainda têm o seu trabalho na produção de alimentos e na geração de renda invisibilizado.

A experiência do projeto Pró-Semiárido com as Cadernetas Agroecológicas na Bahia nos ajuda a desvelar a produção dessas mulheres, que até agora permanecia invisível, possibilitando uma reflexão crítica da realidade que pouco tem dado importância ao modo de produção praticado pelas mulheres na agricultura, que as exclui do acesso às políticas públicas e invisibiliza todo seu trabalho e conhecimento.

O compromisso assumido pelo Pró-Semiárido com as Guardiãs da Sociobiodiversidade, nessa experiência com as Cadernetas Agroecológicas, merece um grande destaque a partir da grande mobilização feita no âmbito do projeto entre 2018 e 2021, o que foi fundamental para o sucesso da sistematização da produção e renda destas mulheres, revelando uma importante atividade econômica feita por elas e que antes não era percebida em sua plenitude.

Houve um grande empenho do projeto na capacitação das equipes envolvidas, na realização de diversas oficinas de sensibilização, capacitação e animação das mulheres, no investimento de recursos próprios e de tempo de trabalho da equipe, o que possibilitou dar centralidade a esse monitoramento da produção e da renda das mulheres.

A seriedade com que a coordenação e as equipes se envolveram nesse processo de pesquisa participante tornou possível trazer as mulheres para o centro das reflexões do projeto, permitindo ampliar a visão de técnicos, gestores públicos, agentes e entidades de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) na elaboração de estratégias para o desenvolvimento da agricultura sustentável no território, incluindo as mulheres. Não é por acaso que o projeto Pró-Semiárido ocupou, em 2019, a primeira posição no ranking de 231 projetos financiados pelo FIDA em 98 países, e essa verdadeira revolução das Guardiãs da Sociobiodiversidade do semiárido baiano, impulsionada pelo projeto, demonstra isso.

As experiências aqui descritas nesta publicação; as reflexões realizadas sobre o papel das mulheres no meio rural e a sua contribuição para a segurança alimentar das famílias; os resultados que revelam a contribuição econômica monetária e não monetária das mulheres para a renda familiar; e a revelação da produção e manutenção da agrobiodiversidade realizadas por elas, nos inspiram ao reconhecimento das práticas e saberes das mulheres como imprescindíveis à reprodução da vida, a um desenvolvimento agrícola sustentável com base na agricultura familiar, tradicional, camponesa e agroecológica, a uma economia voltada para a sustentabilidade, para a igualdade de gênero e para o empoderamento das mulheres.

¹ Coordenadora executiva do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA/ZM e integrante da coordenação do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia. Engenheira agrônoma (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e mestra em Agroecologia (Universidade Internacional de Andalucía).



Soliane Missarele Castro Silva
Comunidade Deodato, Casa Nova (BA)

Foto: Manuela Cavadas

APRESENTAÇÃO

Guardiãs da agrobiodiversidade. É assim que elas hoje se reconhecem. Mulheres, agricultoras, cuidadoras, mães, esposas. Em seus cotidianos atarefados, são elas que ainda suportam a maior carga de trabalho e, no cultivo e criação ao redor de casa e também em outros espaços da propriedade, fazem a revolução no campo. Afinal, é da criação de pequenos animais como galinhas, porcos, ovinos e caprinos, e da produção agroecológica de hortaliças, legumes, plantas medicinais e ornamentais, bem como do artesanato que vêm a alimentação, a cura e o complemento da renda, senão a principal fonte de recurso monetário e não-monetário das famílias camponesas. Mas, elas também estão em outros espaços do agroecossistema! Cuidam do roçado, selecionam e guardam as sementes, criam abelhas e beneficiam frutas e mandioca.

O cheiro verde para temperar o feijão, o ovo para colocar na tapioca, o capim-santo para acalmar os nervos; o lambedor doado para a comadre; o bolo de milho para a quermesse da igreja; a muda de roseira vendida na feira. Tudo o que antes era produzido e invisibilizado hoje é visto como renda na anotação da Caderneta Agroecológica. E o trabalho que era considerado “ajuda” agora é reconhecido e valorizado pela sua importância para a garantia de vida digna, segurança alimentar e nutricional, bem como a autonomia das famílias agricultoras, em especial das mulheres.

Isso porque a caderneta inspirou o olhar sensível e respeitoso para esta diversidade e desafiou a equipe do Pró-Semiárido, projeto executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), mediante acordo de empréstimo feito entre o Governo do Estado e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), em conjunto com as dez organizações não-governamentais de Assessoramento Técnico Continuado (ATC), que atuam como parceiras, a mobilizar as agricultoras para reconhecer e refletir sobre o seu lugar dentro do agroecossistema.

A ação em campo teve momentos desafiadores, mas também de descontração, descortinamento de novas realidades e perseverança. Ao longo dos capítulos, a descrição de metodologias e ferramentas, e a exposição de depoimentos e análises vão alinhavando os processos que asseguraram a adoção da Caderneta Agroecológica por 370 camponesas de diferentes comunidades rurais do Semiárido baiano. E são os relatos sobre o novo olhar lançado acerca do trabalho destas mulheres que tecem esta publicação.

A Caderneta Agroecológica enquanto metodologia inclusiva, reparadora e produtiva

Nesta publicação vamos relatar um pouco da experiência do projeto Pró-Semiárido com a Caderneta Agroecológica. Essa metodologia foi elaborada, em 2011, pelo Centro de Tecnologias Alternativas - CTA Zona da Mata de Minas Gerais e do Movimento de Mulheres da Zona da Mata e do Leste de Minas Gerais, para dar visibilidade ao trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres agricultoras.

A Caderneta Agroecológica é um instrumento político e pedagógico de monitoramento e registro, que tem apenas quatro colunas - consumo, doação, troca e venda - onde as mulheres agricultoras anotam suas produções. Esta metodologia é inclusiva e inovadora ao tornar visível o papel destas mulheres no meio rural e por demonstrar sua contribuição econômica monetária e não monetária - como o autoconsumo, a doação e as trocas dos diversos produtos de sua produção. Além de tornar claro que as atividades domésticas e de cuidados com a família são uma responsabilidade quase que exclusiva das mulheres.

A utilização das Cadernetas Agroecológicas pelo Pró-Semiárido é uma estratégia transversal do trabalho com o enfoque de gênero, de forma a viabilizar a inclusão social das mulheres e a equalização das oportunidades. Ao incorporar este instrumento metodológico em sua intervenção, a perspectiva era de diminuir as desigualdades de gênero, tão presentes no universo rural, e reparar as injustiças historicamente sofridas pelas mulheres, que tiveram seu trabalho desvalorizado, invisibilizado e considerado inferior.

O processo de formação e aplicação da Caderneta Agroecológica, iniciada em 2018 pelo Pró-Semiárido, na sua área de intervenção, possibilitou combater o problema da desigualdade das relações sociais de gênero, entre homens e mulheres, promovendo a participação ativa da mulher no desenvolvimento rural. As cadernetas agroecológicas possibilitaram dar visibilidade à contribuição produtiva das mulheres e a geração de renda, principalmente dos quintais, ao mesmo tempo em que afirma o papel das mulheres na segurança alimentar e na construção da agroecologia.



*Rosângela de Oliveira Silva: Comunidade Lagoa da Onça
Anatalia Souza de Almeida: Comunidade Salgado, Andorinha (BA) - Foto: Manuela Cavadas*

Em 2019, o Pró-Semiárido foi um dos seis projetos¹ apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola - FIDA, que participou do projeto piloto promovido pelo Semear Internacional e com o suporte do Grupo de Trabalho - GT de Gênero dos projetos parceiros do FIDA, intitulado Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas nos projetos Apoiados pelo FIDA no Brasil de implementação das Cadernetas Agroecológicas no semiárido nordestino. Este projeto gerou uma pesquisa nacional de sistematização e monitoramento das Cadernetas Agroecológicas de setembro de 2019 a setembro de 2020. Foram sistematizadas no total 909 cadernetas, distribuídas entre os seis projetos. Destas, 41% correspondem a cadernetas do Pró-Semiárido, projeto com maior número de participantes, 370 mulheres agricultoras.

A partir deste panorama, convido você a mergulhar nesta experiência. Vamos mostrar todo o caminho percorrido e os resultados alcançados a partir da aplicação das Cadernetas Agroecológicas, no âmbito do projeto Pró-Semiárido. Vamos refletir como as questões de gênero são importantes para o trabalho de Assessoramento Técnico Contínuo, o legado deixado com essa ação, os depoimentos das mulheres e as perspectivas para o futuro.

¹Viva o Semiárido (PI), Paulo Freire (CE), PROCASE (PB), Dom Távora (SE) e o Projeto Dom Helder Câmara, com Governo Federal.



Irailza Vieira Pinto
Comunidade Alvaçã, Campo Formoso (BA)

Foto: Manuela Cavadas

Capítulo I

QUESTÃO DE GÊNERO:

UMA ATC QUE ENXERGA
A MULHER COMO
PROTAGONISTA



AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS: experiências da entidade de ATC COOPESER

Autora: Tamara Rangel de Lacerda²

Co-autora: Edinéia Lima Amorim³

Após os processos de formação das equipes de ATC, que ocorreram entre os meses de março e maio de 2019, cada técnica/o se direcionou aos territórios rurais em que atua para realizar as primeiras conversas de sensibilização com as associações comunitárias e representações, a fim de articular a apresentação das Cadernetas Agroecológicas para as agricultoras participantes do Pró-Semiárido. A proposta foi bem recebida e as mulheres prontamente se disponibilizaram para agendar os encontros, os quais também contaram com a parceria dos/as jovens ACR's para articularem juntamente com o/a técnico/a que realiza ATC em cada território rural.

As apresentações e capacitações sobre as Cadernetas Agroecológicas foram realizadas por território rural em espaços auto-organizados com as mulheres, através da metodologia das rodas de aprendizagem. Consideramos muito importante que esse momento fosse realizado apenas com as mulheres, para que elas pudessem ficar mais à vontade para partilhar suas questões e conhecer a metodologia, pois muitas vezes os homens acabam inibindo a participação das companheiras, mesmo que de forma não intencional, e, nesse caso, a Caderneta está direcionada apenas para o trabalho da mulher. Posteriormente, realizamos o diálogo com as famílias através das visitas de ATC, para que compreendessem e pudessem apoiar as agricultoras no preenchimento.

²Engenheira Agrônoma pela Universidades Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB e Mestranda Educação e Diversidade - UNEB

³Engenheira Agrônoma e MSc. Em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Coordenadora de ATC - Assessoramento Técnico Continuado do Pró-Semiárido pela COOPESER



Alguns territórios rurais preferiram realizar dois ou mais encontros, viabilizando maior participação de acordo com seus deslocamentos entre as comunidades, e outros realizaram um grande encontro com todas do território rural. Nesse sentido, as/os técnicas/os conduziram o momento em seu respectivo território rural de atuação, nos meses de junho e julho de 2019, realizando parceria com outros/as técnicos/as, além dos/as ACR's, e contando também com a participação da coordenadora da equipe Tamara Rangel.

As rodas de aprendizagem foram baseadas nas formações internas que aconteceram na entidade, adaptando suas metodologias às realidades das agricultoras e de cada território rural. No momento inicial realizamos discussão de sobre gênero e a divisão sexual do trabalho, a partir da reflexão do vídeo “A vida de Margarida”, elaborado pela AS-PTA, que reflete o machismo e a desvalorização do trabalho da mulher no meio rural.

Pudemos observar que algumas agricultoras se identificaram muito com realidade apresentada e, dessa forma, a roda foi sendo conduzida no sentido de umas fortalecerem as outras. Em alguns territórios rurais foi realizada a “Dinâmica do Relógio” para complementar a discussão de gênero, dividindo as agricultoras em grupos para realizarem a rotina de trabalho do homem e da mulher rural. Também assistimos ao vídeo “caderneta Agroecológica - Feminismo na Prática”, produzido pelo Centro de Tecnologias Alternativas - CTA Zona de Mata, onde dona Maria Conceição conta sua experiência com a Caderneta Agroecológica. Nesse momento realizamos uma ponte entre o debate da divisão sexual do trabalho e a proposta das Cadernetas, despertando o interesse das mulheres em levarem a metodologia para sua prática. Elas, então, foram convidadas para experimentar as anotações e as Cadernetas foram distribuídas livremente para aquelas que tiveram interesse.

Os questionários socioeconômicos foram realizados com as agricultoras que, após um mês conhecendo a ferramenta através das suas anotações, optaram por fazer parte da pesquisa e do Núcleo de Mulheres. Realizamos individualmente, em suas propriedades, para que ficassem mais à vontade para responder às perguntas sozinhas e tivessem autonomia também para responder sem interferência de outro membro da família, principalmente o marido, que costuma colocar os conhecimentos acerca da produção e da propriedade. Percebemos que algumas agricultoras não tinham conhecimento sobre questões estruturais ligadas ao agroecossistema, como por exemplo registro da terra. Contudo, de maneira geral, foi um momento rico, onde também foi possível exercer o papel de formação e construção do conhecimento, em que as mulheres puderam, inclusive, desenvolver o autoconhecimento.

A inclusão das Cadernetas Agroecológicas na dinâmica do ATC foi um processo de adaptação para a equipe em relação à coleta de dados e às tabulações mensais, mas, por outro lado, qualificou ainda mais as visitas e as trocas de experiências com as agricultoras, demonstrando na prática a importância de direcionar o olhar para as relações de gênero no assessoramento às famílias. Um dos desafios na tabulação foi a padronização das unidades de medida e preços dos produtos anotados. Outra questão que observamos com atenção foi a nomenclatura dos produtos e a diversidade de espécies, que algumas vezes não era registrada nas cadernetas.

O desafio maior nessa caminhada foi o advento da pandemia da Covid-19, que nos levou ao isolamento social e, assim, em 18 de março de 2020 suspendemos as visitas em campo. Ficamos preocupadas em continuar o processo de animação e coleta de dados a distância, mas consideramos que esse desafio foi sendo superado com auxílio da tecnologia. Fizemos um grupo no whatsapp com as agricultoras que participam da metodologia nos nove territórios rurais para facilitar o processo de animação e mobilização, onde as agricultoras começaram, inclusive, a fortalecer umas às outras e partilhar fotografias de suas produções.



Para as mulheres, um dos principais desafios relatados foi a dedicação do tempo para realizar as anotações. Muitas delas começaram a utilizar as cadernetas animadas, mas ao longo do processo acabaram desistindo devido à sobrecarga de trabalho. Entendemos que não é fácil e que a caderneta não deve ser mais um fardo para a mulher, que só deve continuar anotando se for possível e de acordo com o que representa para ela. Para aquelas que puderam permanecer anotando, esse desafio foi sendo superado com apoio do/a técnico/a e do hábito que foi se desenvolvendo. Outro desafio foi a falta de afinidade com a escrita e a matemática, mas com apoio da equipe, as agricultoras foram entendendo melhor as colunas e preenchendo de maneira mais adequada, contando também com apoio de familiares ou vizinhas.

No início houve dificuldade com as anotações na coluna de consumo, pois observávamos nas visitas que no quintal havia muita produção e diversidade, mas nem sempre estavam anotadas, devido à falta de costume em considerar como renda aquilo que consomem. A coluna de troca também foi pouco preenchida, porque esses processos não são instantâneos, ocorrendo naturalmente entre as famílias e vizinhanças e assim as agricultoras esqueciam de anotar ou considerar como doação. A pandemia da Covid-19 também foi um desafio para as agricultoras, principalmente as que comercializavam nas cidades. Além da baixa na venda, o acesso à tecnologia e a internet não estão disponíveis para todas as mulheres e muitas acabaram tendo dificuldade de partilhar sua tabulação. Os impactos da pandemia na vida das famílias, também acabou desanimando algumas mulheres, havendo três desistências das 32 agricultoras com as quais realizamos a tabulação.

O auto-reconhecimento das agricultoras no processo de produção e geração de renda familiar é um dos pontos que mais nos chamaram a atenção. A equipe observou como a percepção da mulher foi mudando ao longo das anotações e como elas foram se sentindo mais empoderadas ao falarem de seus quintais e de seus trabalhos. As agricultoras se sentem agora mais valorizadas também pelas famílias, pois demonstram como seu trabalho contribui diretamente para a renda. Foi perceptível também que elas ficam alegres quando falam que querem doar mais produtos para poder preencher mais a coluna de doação, demonstrando fortalecimento na relação de solidariedade, ou quando se sentem motivadas a produzirem mais.





**Terezinha da Costa Silva e seu esposo Geraldo
Comunidade Melancia, Casa Nova (BA)**

Foto: Manuela Cavadas

“ Vai florescer, o ser divino que está dentro de você. Vai florescer, vai florescer, vai florescer...” ”

Por Dulce Ferreira⁴ - Jaianne Lima de Jesus⁵ - Miquésia Passos⁶ - Adilson Santos⁷

Foi assim que se deu todo o processo de aplicação da metodologia das Cadernetas Agroecológicas (CA), florescendo dentro da organização, da equipe de técnicas e técnicos e principalmente das agricultoras. Foi chamado de processo, pois a ideia foi que a metodologia estimulasse um processo de empoderamento e autonomia junto às mulheres participantes, como também transformasse ou resignificasse as práticas pedagógicas e metodológicas da organização.

No âmbito do projeto Pró-Semiárido, por meio da Assessoria de Gênero, Raça, Etnia e Geração, foi apresentada a proposta da metodologia do uso das CA para as agricultoras e esta foi incorporada ao planejamento da Rede Mulher do município de Casa Nova. O Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade - SAJUC acredita que as agricultoras são as verdadeiras responsáveis pela agrobiodiversidade em suas propriedades e compreende que, enquanto organização da sociedade civil defensora dos Direitos Humanos, que a luta por uma sociedade com justiça social e equidade de gênero, se faz necessária e a metodologia das Cadernetas Agroecológicas é uma oportunidade para pautar esses objetivos.

Neste sentido o SAJUC, mais especificamente sua equipe técnica de assessoria do projeto Pró-Semiárido, inseriu nos seus planejamentos trimestrais momentos de roda de aprendizagem⁸ com esses grupos de mulheres agricultoras, com o intuito de fortalecer as bases e proporcionar conhecimento sobre os temas: relações e equidade de gênero, protagonismo das mulheres rurais, violência contra a mulher, debate sobre machismo e feminismo com suas definições e divisão sexual do trabalho, utilizando-se dessas temáticas e confrontando com a realidade delas. Nessas rodas também se apresentava a Rede de Mulher, enfatizando a proposta de se formar grupos nessas comunidades para debater tais temáticas, buscando a autonomia destes grupos.

⁴Coordenadora da Equipe; Mestranda em Extensão Rural (UNIVASF); Engenheira Agrônoma (UNEB)

⁵Técnica Agropecuária (EFASE)

⁶Médica Veterinária (UNIVASF)

⁷Técnico Agropecuária (IF-Sertão)

⁸O Pró-Semiárido instala um processo de construção de conhecimento que é necessário à evolução das atividades agroecológicas e de convivência com o semiárido. Trata-se de um procedimento continuado, sistemático e empiricamente fundamentado de aprimorar a prática, que tem por base a pedagogia da pergunta, que privilegia o diálogo entre os agricultores e entre técnicos e agricultores no sentido de (i) conhecer o contexto dos participantes; (ii) identificar as situações significativas de cada contexto e dos diferentes sujeitos que dele fazem parte; (iii) conhecer o conhecimento que cada um traz consigo; (iv) identificar a visão de mundo e a análise que fazem de suas experiências.



As Cadernetas Agroecológicas foram apresentadas a mulheres agricultoras das comunidades rurais de Melancia, Mucambo, Deodato, Deus Me Leve, Assentamento São José, Tanque Novo, Santa Cruz, Serra e Baraúna. Na dinâmica do projeto Pró-Semiárido quatro comunidades ou mais estão agrupadas em Territórios Rurais, nos quais distribuímos as cadernetas e que foram nomeados respectivamente de Território Renascer do São Francisco, Pastoral do Solo Sagrado, Caminhando para o Futuro e Construindo um Futuro Melhor. No lugar de vivência dessas agricultoras encontra-se um cenário de expressivo machismo, no qual mulheres são aquelas responsáveis pelo trabalho doméstico, de tudo um pouco dos trabalhos na propriedade e pela reprodução, acarretando uma sobrecarga que muitas nem percebem.

Nas rodas de aprendizagem a programação começava com uma mística e reflexão. Os momentos foram de muita animação e curiosidade por parte das mulheres que participaram, as mesmas relatavam que nunca paravam para anotar nada de suas produções. Sobre a temática de igualdade de gênero, as agricultoras conseguem refletir com clareza e confiança no que dizem, pois trata-se de agricultoras que possuem caminhada em espaços de reflexão a partir da Rede Mulher. Depois eram exibidos alguns vídeos falando da metodologia e sua importância e feitas simulações de algumas anotações em papel madeira, para retirar dúvidas sobre a anotação.

No debate do tema sobre protagonismo, muitas relataram que de fato se reconhecem como personagens principais em suas propriedades, mas não são reconhecidas. “Todos pensam que cuidar dos trabalhos domésticos é mais fácil, mas é uma ilusão”, sempre relatavam algumas agricultoras. Neste contexto, se apresentava a metodologia e no final perguntava-se às agricultoras se aceitariam participar da pesquisa e dessas descobertas que a equipe técnica e elas fariam juntas. Algumas foram bem enfáticas ao relatar suas dificuldades em anotar, mas mesmo assim aceitaram receber as cadernetas para anotação e reflexão nos próximos encontros. É importante ressaltar que não houve imposto! Nas conversas iniciais acerca do tema, elas ficaram bem à vontade para tomar a decisão de aceitar e receber as cadernetas e de participar ou não da pesquisa.

Em cada território a realidade dessas agricultoras é diferente. Enquanto algumas já contam com os canteiros telados e cisternas de produção que foram implementados pelo projeto, outras não possuem estas infraestruturas. Além disso, algumas agricultoras trabalham em outras propriedades, por diária, no plantio convencional de cebola, goiaba, melancia, e outras culturas; já outras pertencem a comunidades de Fundo de Pasto.

No que concerne à etapa de distribuição das CAs nesses quatro Territórios Rurais, foram distribuídas 65 Cadernetas Agroecológicas, logo do processo formativo participaram 75 agricultores, 65 mulheres e 10 homens. Importante ressaltar que a entrega foi realizada apenas para as agricultoras, por ser uma metodologia de empoderamento feminino criada para a utilização das mesmas.

Nesse aspecto formativo, foi um processo muito gratificante de troca, escuta, momentos de falas, conhecimentos e descobertas. Muitas se conheciam na comunidade, mas não sabiam das experiências boas e ruins das outras, de opressões e de sobrecarga. Numa dessas várias falas importantes, a agricultora Sidnaide da Costa nos revelou na roda de aprendizagem que apenas o fato de se encontrarem e conversarem já aliviava a sua lida diária. Justificando assim para nós como estes momentos formativos são capazes de animar e de manter fortalecida a rede de mulheres.

A partir da aplicação dos questionários conheceu-se o perfil socioeconômico e de participação política destas agricultoras. Neste processo os Agentes Comunitários Rurais (ACRs) e técnicas/os também contribuíram fazendo perguntas, refletindo e sanando algumas dúvidas junto às agricultoras. Diante disso, levava-se temáticas a respeito da Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, com o intuito de fazer a reflexão sobre a sobrecarga de trabalho e a importância de cada uma na sua propriedade.

A aplicação da metodologia conseguiu até aqui reunir muitos esforços, como o de técnicas e técnicos e ACRs, todos comprometidos com o processo de empoderamento e melhoria de vida destas agricultoras. Porém, ao longo destes meses, foram reveladas algumas dificuldades. Uma delas, ainda no início, foi a evasão dessas mulheres, culminando na desistência de participar do processo, muitas delas alegando falta de tempo e o esquecimento de anotar. A equipe de campo atribuiu a isso o fato de algumas não conseguirem ainda refletir sobre a importância da metodologia para as suas vidas. Para as agricultoras, também houve a dificuldade em diferenciar o que é doado e o que é trocado, considerando a troca um ato não simultâneo.





Notou-se nas rodas de aprendizagem que as agricultoras conseguem desabafar e falar dos assuntos pessoais mais facilmente com as técnicas/as. A presença dos técnicos inibe de alguma forma e atribuiu-se isso ao fato das agricultoras terem receio de que os mesmos possam agir com machismo, pois na realidade que vivem sempre são consideradas pelos homens as que falam bobagens e as culpadas, e por isso se faz necessário uma assessoria técnica especializada para mulheres. É importante ressaltar que os técnicos precisam passar por mais formações de sensibilização para trabalhar com o público feminino.

Outra dificuldade na implementação foi conseguir conciliar os prazos das demandas das cadernetas com outras atividades do projeto, sobrecarregando muitas vezes a equipe para sanar os impasses. Os atrasos em repasses de recursos financeiros do Estado para a entidade e a chegada da pandemia do novo coronavírus também dificultaram o processo formativo destas agricultoras, impossibilitando a ida ao campo da equipe técnica. Frente à pandemia, os ACRs contribuíram com a coleta de dados e ainda formalizamos um grupo de WhatsApp para diminuir a distância e nos comunicar, mesmo assim algumas destas agricultoras não possuem celular, necessitando obter o contato com um filho ou filha. Com a possibilidade de utilização de aplicativos buscaremos, mesmo que de longe por conta da pandemia, realizar reflexões acerca das cadernetas.

É notório o quanto a aplicação da metodologia junto com os momentos formativos possibilitou mudanças de perspectivas e reflexões dessas agricultoras. Neste contexto, elas relatam que passaram a se perceber importantes na gestão das atividades na propriedade, o quanto se sentiam úteis a cada conversa com as técnicas, técnicos e ACRs. Foi perceptível também a fala de mais mulheres nas atividades, a partir do momento que se davam espaços para ouvi-las, com metodologias que proporcionassem a participação ativa, logo podemos pensar também que essa desinibição se dê pelo fato de ficarem mais à vontade na presença de técnicas e coordenadoras também mulheres.

Muitas agricultoras relataram que passaram a sentir prazer em anotar, porque sabiam o quanto estavam consumindo, vendendo, doando ou trocando suas produções. Algumas chegaram a anotar em um total de cinco cadernetas ao longo do processo de tabulação dos dados. Ao longo do tempo, as agricultoras passaram a lembrar-se com mais frequência de anotar, pois no começo das visitas das/os técnicas, técnicos e ACRs era preciso sentar muitas vezes com elas para lembrar o que haviam consumido, doado, trocado e vendido na semana para ajudá-las com as anotações.





Edilza Carvalho Fagundes
Comunidade Ramal, Quixabeira (BA)

Foto: Manuela Cavadas

As Guardiãs da Agrobiodiversidade a Semear Protagonismos

Por **Jaqueline Barreto da Silva**⁹

A Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba (APPJ) acreditou e vem acreditando, através dos resultados, que a Caderneta Agroecológica (CA) veio contribuir para fomentar a autonomia econômica das agricultoras, fortalecendo suas iniciativas no campo; dando visibilidade à produção das mulheres; demonstrando o potencial produtivo dos quintais; contribuindo para a equidade de gênero e cidadania; melhorando o planejamento da produção das famílias agricultoras.

Inicialmente, a entidade começou acompanhando 54 mulheres no processo das cadernetas. Com o desenvolvimento das atividades, no decorrer do processo, algumas agricultoras desistiram, por decisão própria e motivos pessoais, ficando 45 mulheres no processo final de sistematização. Estas agricultoras estão divididas em comunidades dos municípios de Capim Grosso, Quixabeira, Serrolândia e Miguel Calmon.

A primeira formação sobre as CAs ocorreu no dia 20 de março de 2019, na sede do IRPAA, município de Juazeiro. A formação contou com a presença de representantes da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), que estão alocados nos três escritórios locais do projeto Pró-Semiárido (Jacobina, Senhor do Bonfim e Juazeiro), além das 10 entidades de ATC que atendem as comunidades. A formação foi para encaminhar e acordar as atividades a serem desenvolvidas pelas entidades com as cadernetas.

Seguindo os acordos realizados nas formações iniciais, a APPJ realizou um cronograma interno para apresentação das CAs nas comunidades e formação das mulheres para o processo e formação da equipe técnica e Agentes Comunitários Rurais (ACRs). No processo de apresentação e formação, que ocorreu no mês de junho de 2019, as mulheres ficaram inseguras. Inicialmente, muitas relataram que não iriam participar da pesquisa, pois o governo queria saber a produção delas para cortar o Bolsa-Família e nesse momento foi esclarecido, mais uma vez, qual o objetivo principal das cadernetas, quais benefícios estávamos tentando adquirir através das mesmas para elas, dando a garantia que não teriam problema algum e sim muitos benefícios.

⁹Engenheira agrônoma; Assistente técnica de extensão rural da APPJ



No mês de dezembro de 2019, a entidade tomou a iniciativa de organizar os dados tabulados das CAs, desde os questionários socioculturais aos dados produtivos das tabulações, para serem avaliados e colocados os resultados no relatório anual. Nesse momento, foram montadas algumas planilhas para produção dos dados e geração de gráficos. Foram realizados 54 questionários no mês de setembro de 2019, 46 mapas no mês de outubro de 2019, sendo que quando foi realizada a construção dos mapas, oito mulheres já tinham desistido e tivemos um óbito no Território Rural¹⁰ Padre Xavier Nichelle.

No desenvolvimento da aplicação dos questionários foi possível perceber a dificuldade das agricultoras mencionarem a renda obtida na produção, pois as mesmas não costumavam fazer anotações. Outro desafio foi sobre o entendimento a respeito do que é feminismo, a maioria declarou não saber responder. Quanto à origem étnica, muitas ainda não se reconhecem como negras. Através dos dados obtidos com a aplicação dos questionários, a entidade realizou a caracterização socioeconômica das agricultoras acompanhadas. Inicialmente, observou-se que das 54 agricultoras, 72% são agricultoras familiares, 26% quilombolas e 2% assentadas.

De forma muito especial, foi pensada essas metodologias de registro, inclusão e visibilidade de resultados para, assim, não haver dúvidas do quão importante é o papel da mulher, o seu reconhecimento, participação e protagonismo. Um espelho que serviu não apenas para externar essa realidade como também para reforçar a identidade e o reconhecimento da equipe de ATER e das próprias mulheres enquanto protagonistas e donas de suas vidas.

Muitas dificuldades surgiram durante o processo, principalmente no compromisso nas coletas dos dados pelos ACRs, no incentivo e animação das mulheres no processo de anotação, sendo necessário realizar reuniões dentro da equipe e formações para melhorar o trabalho desenvolvido com as mulheres, sendo encaminhada a realização de reuniões de núcleo em cada Território Rural com etes objetivos.

¹⁰Quatro/Cinco comunidades rurais próximas especialmente com características sociais, econômicas e culturais semelhantes.

Visibilidade é a palavra que melhor define as cadernetas dentro da entidade APPJ. O caminho e as experiências de ATER, até então aplicadas no semiárido, cada vez mais vêm pensando a inclusão das mulheres e jovens para assim obter a inclusão social, produtiva e econômica no campo da agricultura familiar. A experiência das cadernetas veio aprimorar e dar visibilidade às mulheres partindo do diagnóstico das suas realidades e processos produtivos, para assim identificar a importância que essas protagonistas têm para a transformação da realidade semiárida.

Uma experiência rica, inovadora e cheia de pessoas experientes sensibilizadas para a necessidade desse reconhecimento e assim ajudar no processo de empoderamento dessas famílias. A APPJ Conviver teve a oportunidade de conhecer e aplicar as cadernetas e entende que é um espelho a ser aplicado, independentemente de qual seja o convênio ou contrato, mas como um instrumento permanente de uso institucional. Por isso, pretende não dar limite, colocando no plano de ação para uma aplicação anual de modo que seja possível trabalhar com comparativos.

A APPJ no desenvolvimento do trabalho com as cadernetas, abraçou a causa de forma significativa, envolvendo toda a equipe para que pudesse ter uma visão da importância da ferramenta e da metodologia que é utilizada no processo, desde as formações até a sistematização dos dados, para que as técnicas e técnicos pudessem trabalhar nas visitas de ATC com as mulheres a importância da sua produção nos quintais e em todas as atividades que elas desenvolvem na propriedade, realizando o trabalho de visibilidade e de reconhecimento a elas como protagonistas e geradora de renda dentro da casa.

A entidade sempre defendeu a luta das mulheres no processo de busca por equidade de gênero e a caderneta veio fortalecer ainda mais essa luta, por meio de um trabalho contínuo com toda equipe e, principalmente, com os homens, que mesmo passando por diversas formações proporcionadas pelo Pró-Semiárido e outros eventos que defendem a causa, ainda têm um posicionamento machista dentro da entidade e a caderneta veio para mudar esse posicionamento dos técnicos envolvidos no processo. Hoje já é perceptível essa mudança na forma de trabalhar a questão de gênero pela equipe.

Os resultados obtidos em campo com a aplicação das cadernetas pela entidade foram de uma transformação imensa na vida das agricultoras em todos os territórios. Hoje é notável a transformação no processo formativo em relação a questão de gênero, divisão sexual do trabalho, agroecologia, feminismo e empoderamento. As mulheres se sentem confiantes nas tomadas de decisões e até na participação dos eventos proporcionados pelo projeto; já que muitas não participavam por medo dos seus companheiros. Houve uma maior valorização dos recursos locais e do que a mulher produz no entorno da propriedade.

A entidade continua com o desejo e interesse de manter dentro da instituição o processo metodológico das cadernetas porque reconhece a importância que tem, inclusive como uma forma de registro especial que dá vida e luz ao trabalho das mulheres e sente-se realizada por poder fazer parte desse processo construtivo e formativo com as mulheres.



Marenise de Jesus Oliveira
Assentada da Reforma Agrária no PA Nova Canãa
município de Pindobaçu/BA

“A partir da anotação da produção na Caderneta Agroecológica tive acesso a tantas oportunidades de formação e troca de saberes ao participar de oficinas, seminários e rodas de aprendizagens. Anotar na caderneta me ajudou a fazer o planejamento da produção, a comparar a diferença da produção nas diferentes épocas do ano. Me desafiou, porque antes não tinha o hábito da leitura e da escrita sobre a minha produção. O ato de escrever estimulou os processos de aprendizagens, quando eu mesma fui visualizando a minha produção, que parecia ser tão pequena, agora quando vejo no final do mês o quanto consumi, doei, troquei, as vezes comercializei... eita que alegria! Essa Caderneta Agroecológica é um instrumento pedagógico que me fascina, que me deixou orgulhosa da minha produção, ajudou a organizar minhas finanças. Hoje tenho a lista das companheiras da comunidade com quem faço as trocas, ou posso doar e ao mesmo tempo a gente troca a vivência, os aperreios, as alegrias; por tudo isso é que sou guardiã da agrobiodiversidade”.

APLICAÇÃO DA CADERNETA: reflexos, desafios e resultados

Por Átula de Jesus Lima Santana,¹¹ Crispim Ribeiro da Silva,¹²
Daniel Andrade Brito,¹³ Edicarla de Jesus Andrade,¹⁴ Elton Simões dos Santos,¹⁵
Iara Silva Lima de Jesus,¹⁶ Rogério Borges dos Santos¹⁷



A sensibilização das mulheres agricultoras foi uma atividade da entidade Associação Regional de Grupos Solidários de Geração de Renda (Aresol), em parceria com a associação local e apoio do Agente Comunitário Rural (ACR) do projeto Pró-Semiárido. Inicialmente, as visitas individuais foram importantes para mobilização das mulheres e aconteceram através da realização de contato direto nas comunidades, para esclarecer o objetivo da Caderneta Agroecológica e incentivar a participação nas Rodas de Aprendizagem, para melhor conhecer a ferramenta e discutir sobre a importância do trabalho desenvolvido pelas mulheres. Tendo em vista que este trabalho ainda é invisível em várias situações e pouco valorizado, sendo a caderneta uma forma de dar visibilidade e reconhecer a importância do trabalho realizado.

¹¹Técnica em Agropecuária

¹²Técnico em Agropecuária

¹³Técnico em Agropecuária

¹⁴Técnica em Agropecuária, Pedagoga

¹⁵Técnico em Agropecuária

¹⁶Técnica em Agropecuária

¹⁷Engenheiro Agrônomo, Coordenador Técnico da equipe

O processo de mobilização/sensibilização foi realizado em todas as comunidades que compõem os Territórios Rurais (TR), sendo em média duas Rodas de Aprendizagens para Apresentação da CA, a fim de facilitar a participação das mulheres. Ainda nas visitas, foi possível identificar mulheres que mais se familiarizaram e se entusiasmaram com a caderneta, sendo estas convidadas para participar da pesquisa sobre a produção feminina via projeto Pró-Semiárido, por meio da sistematização de suas anotações. Na oportunidade das visitas convidamos todas as mulheres a participarem das Rodas de Aprendizagem de troca de saber sobre esse instrumento [CA], bem como para dialogar a respeito da importância dessa ação metodológica e como se dá o processo de sistematização.

As Rodas de Aprendizagem para os territórios ocorreram em dois momentos, para contribuir com a boa participação das mulheres do TR e para garantir a participação efetiva em número de mulheres, nucleamos as comunidades por proximidade e horário favorável ao encontro. Após apresentação da caderneta para as mulheres das comunidades, foram feitas visitas durante todos os meses às agricultoras que aceitaram experimentar a Caderneta Agroecológica. As visitas do/a técnico/a e ACR em algumas situações ocorreram semanalmente. Durante as visitas, as dúvidas de preenchimento eram apresentadas e discutidas para se alcançar a melhor forma para representar a realidade da produção do quintal.

A apresentação da metodologia da caderneta foi feita através das visitas e também das Rodas de Aprendizagem, cujos temas abordados foram feminismo, agroecologia, segurança alimentar e geração de renda no quintal agroecológico. A realização de dois momentos de Roda de Aprendizagem para apresentação facilitou a participação das mulheres, visto que foram realizadas em comunidades diferentes e elas puderam escolher o melhor momento e local para participar.

Pensando em proporcionar um momento de reflexão, troca e relatos, buscamos fazer uma discussão sobre gênero e esclarecer o objetivo da Caderneta Agroecológica para as mulheres, utilizando os vídeos “Vida Maria” e “Cadernetas Agroecológicas: Feminismo na Prática”. Foram utilizadas também algumas perguntas norteadoras que auxiliaram nas discussões, à exemplo de como era o dia a dia delas e quais atividades eram desenvolvidas. Em alguns territórios, além do primeiro momento realizado, foi sugerido que as mulheres levassem algum produto do seu quintal e, após apresentação, aconteceu a troca simultânea solidária entre elas. A participação das mulheres no primeiro encontro foi um importante espaço de formação para preparação das agricultoras para participarem do I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, que aconteceu em dezembro de 2019, no município de Senhor do Bonfim.

O espaço coletivo das Rodas de Aprendizagem foi um espaço muito importante para troca de saberes entre as agricultoras. Durante a atividade de apresentação da caderneta, notamos um entusiasmo muito grande por parte das mulheres, pois aproveitaram para relatar as histórias vividas, experiências vivenciadas no dia a dia e as dificuldades enfrentadas como mulher agricultora. Muitos relatos mostraram como são importantes as atividades e a produção gerada no quintal e no entorno da propriedade, seja ela para o consumo, doação, troca ou venda, contribuindo com a economia e a segurança alimentar e nutricional da família.

Diante das discussões e reflexões feitas, as mulheres relataram que muitas vezes a desvalorização e a pouca visibilidade do trabalho que elas realizam não parte somente do esposo ou de outros membros da família, mas sim por parte delas também, pois algumas não enxergavam que contribuíam para o sustento da família. Desta forma, a Caderneta Agroecológica não é apenas uma ferramenta, mas sim uma companheira do cotidiano das mulheres, como forma de reconhecer e valorizar as atividades desenvolvidas.



A partir dos instrumentos metodológicos utilizados na roda, já na introdução ao tema com perguntas norteadoras, cada mulher pôde expor suas percepções, sentimentos e angústias. Algumas mulheres já compreendem a ideia central das Cadernetas Agroecológicas e destacaram sua relevância como instrumento de empoderamento feminino, contribuindo para encorajar outras mulheres a se manifestarem durante os encontros. Ao final, cada mulher manifestou o desejo de adotar a Caderneta Agroecológica como instrumento de registro da produção e empoderamento, sendo este desejo unânime para todas presentes. Em média, três mulheres por território ficaram comprometidas em sistematizar a caderneta com a produção do quintal e de outro agroecossistema e apresentar os dados para o projeto.

A aplicação dos questionários socioeconômicos ocorreu nos territórios nos meses de setembro e outubro de 2019, através de visitas individuais realizadas junto às mulheres agricultoras, que participam da sistematização da Caderneta Agroecológica, por entender que a aplicação do questionário demandava tempo e muitas informações. O questionário teve por objetivo conhecer o perfil socioeconômico e de participação política, com informações pessoais da agricultora, sobre a propriedade, família, acesso a bens naturais, acesso a políticas públicas, a mercados, organização econômica, fontes de renda, participação social e o entendimento da agricultora sobre agroecologia e feminismo, deixando as mulheres se expressar livremente, de maneira espontânea.

Trabalhar com a caderneta foi desafiante, por ser algo diferente, fora do antigo modelo de fazer assessoramento técnico de maneira horizontalizada e tecnicista, sem diálogo com a mulher como parte do atendimento da família. O trabalho com a Caderneta Agroecológica exigiu e continua exigindo da equipe de ATC a reformulação de conceitos como agroecologia, machismo e feminismo e uma nova postura nossa enquanto profissional.

Podemos afirmar que as Rodas de Aprendizagem, os encontros e as visitas de ATC, bem como a sistematização dos dados da caderneta, já proporcionaram muito aprendizado que servirá para melhorar a qualidade do trabalho, assim como uma nova visão sobre o papel da mulher no processo de geração de renda e na segurança alimentar das famílias.

Um dos maiores desafios dos territórios foi a agricultora perceber e compreender a importância do ato de anotar no dia a dia, assim como a valorização do que elas consideram pequenas coisas, desprovidas de valor monetário, como a produção que não ia para o mercado cujos, destinos são autoconsumo, troca e doação. Outro desafio foi a escrita, que muitas não dominavam, e para a anotação precisavam da colaboração de um filho/a e até da ACR. Com o passar das semanas e meses, era notório o avanço nas anotações e muitas agricultoras diziam se encantar com o volume do que produziam e o valor monetário dessa produção para a família, pois caso fosse comprar na feira, não teriam dinheiro suficiente. Começavam, assim, a descobrir a importância do seu trabalho, muitas vezes invisível para os homens.



Avanços e dificuldades para implantação das cadernetas

Por **Carlos Vítor Oliveira Alves**¹⁸, **Nelcimária Santos Moraes**¹⁹, **Meirelle Santos de Souza**²⁰,
Rone Lima Santos²¹, **Ueslei dos Santos da Silva**²², **Vanderléia Carneiro de Matos**²³

A partir da capacitação sobre a Caderneta Agroecológica, que aconteceu no Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar (SETAF), em Jacobina, no mês de maio/2019, com a participação dos técnicos e técnicas das entidades Cooperativa de Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (Cofaspi), Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável (Coopeser) e Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba (APPI), foi possível o melhor entendimento sobre o perfil das mulheres e como se daria todo o processo de sensibilização em campo para registro nas Cadernetas Agroecológicas (CA). Logo após, tivemos uma formação sobre sistematização e tabulação das CA, que finalizou o ciclo e a partir daí foram desencadeadas as ações de campo.

De 27 de maio a 27 de agosto de 2019, foram realizadas diversas atividades de convite, sensibilização, apresentação das Cadernetas Agroecológicas para as mulheres nos nove territórios rurais assessorados pelas equipes da Cofaspi. As mobilizações foram realizadas com apoio do/a Agente Comunitário/a Rural (ACR) ou técnica/o que atende o território rural. Todas as mulheres foram convidadas a participar desse momento de debate metodológico e esclarecimento sobre a importância das cadernetas para as vidas das agricultoras, de forma a dar visibilidade às suas ações nos agroecossistemas familiares.

Em alguns territórios optou-se pela realização de Rodas de Aprendizagens por comunidade, cujo intuito foi garantir maior participação das mulheres convidadas. A adoção das Cadernetas Agroecológicas foi feita de forma voluntária. As mulheres que se dispuseram a participar receberam a caderneta impressa e deram início ao processo de anotação dos dados. Inicialmente, 60 mulheres aderiram.

¹⁸ Doutor em Agronomia

¹⁹ Licenciatura em Geografia

²⁰ Licenciatura em História

²¹ Graduado em Recursos Humanos

²² Técnico em Agropecuária

²³ Técnica em Agropecuária e Licenciatura em Geografia

Para a aplicação e preenchimento do questionário foram feitas visitas individuais e algumas reuniões coletivas nos territórios, de acordo com a realidade de cada grupo de comunidades. Em algumas situações, os técnicos e técnicas se ajudaram e conseguiram concluir a demanda. Não foram encontradas dificuldades para a aplicação do questionário.

Embora a metodologia do projeto Pró-Semiárido seja mais voltada para as ações coletivas, com as Cadernetas Agroecológicas foi necessário um novo planejamento das atividades semestrais, de forma a contemplar as visitas pontuais às agricultoras com maior dificuldade para o preenchimento. Quando não aconteciam essas visitas periódicas o resgate de um maior intervalo de tempo se tornava mais difícil, chegando a inviabilizar a quantificação de alguns produtos. Todo esse processo visou o fortalecimento do processo metodológico e que as mulheres pudessem visibilizar suas ações dentro do agroecossistema.

Os principais desafios encontrados foram:

- *Dificuldade na escrita (algumas não concluíram o ensino fundamental I)*
- *Compreensão no preenchimento das colunas (onde colocar unidade de medida, como preencher as lacunas)*
- *Esquecer de colocar o valor total diário*
- *Não lembrar ou não ter disponibilidade de anotar diariamente e depois ter dificuldades de fazer o resgate*
- *Precificar alguns itens de consumo e doação.*

Durante o período da pandemia, a principal dificuldade é o diálogo com as agricultoras que não possuem forma de contato via telefone ou redes sociais, acarretando o desestímulo de algumas mulheres, bem como a falta de comercialização nas feiras livres, que foram suspensas temporariamente.

Como avanços podemos listar:

- *Autoestima e realização por estar praticando a escrita ("Estou reaprendendo a escrever", Silvani - TR Vale das Barrigudas)*
- *Mensurar a produção e o quão importante é o quintal*
- *Fortalecimento da segurança alimentar e nutricional das famílias*
- *Incentivo à comercialização. As mulheres agora estão dispostas a comercializarem o excedente da sua produção*
- *Diversificação da produção*
- *Diversificação das formas de acesso ao mercado*
- *Autovalorização e valorização da família com relação aos trabalhos domésticos realizados pelas mulheres*
- *Divisão do trabalho doméstico*

IMPACTOS DAS CADERNETAS NA VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS

Por Aparecida Luísa Araújo dos Reis Alves,²⁴ Celso Cardoso Loiola,²⁵
Michele dos Santos da Gama,²⁶ Taiane Souza Costa,²⁷ Vanessa Oliveira dos Santos²⁸



As mulheres acompanhadas pela Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Cooperarc/projeto Pró-Semiárido) cada vez mais estão assumindo espaços, seja na comercialização ou na participação social. E com a adoção da Caderneta Agroecológica foi possível fazer o cruzamento de dados e perceber o impacto e a eficiência de políticas e programas de desenvolvimento rural. A metodologia baseada em resultados, monitoramento, avaliação e trocas de experiências permitiu dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres camponesas, além de organizar e valorizar o seu trabalho na sociedade.

A sistematização dos dados das Cadernetas Agroecológicas procedeu em quatro etapas: primeiramente iniciou com a sensibilização e apresentação da ferramenta; segundo, a aplicação do questionário; na terceira etapa foi realizada a construção de mapas da agrobiodiversidade e na quarta foi feita uma caminhada em cada propriedade para verificar os dados. Este procedimento permitiu o cruzamento dos dados sistematizados em relação à produção e características socioeconômicas e demográficas, acesso hídrico, acesso a mercados e políticas públicas, entre outras.

²⁴Técnica em zootecnia

²⁵Técnico em agropecuária

²⁶Técnica em agropecuária

²⁷Técnica em agropecuária

²⁸Técnica em agropecuária

A Caderneta Agroecológica vem mostrando resultados positivos na vida e no protagonismo das mulheres que vivem nas comunidades rurais, seja pelo autoreconhecimento, valorização de sua contribuição para a soberania e segurança alimentar familiar, ou pelo seu reconhecimento identitário como guardiã da agrobiodiversidade. Com a anotação acerca das atividades de consumo, doação e troca foi possível visualizar a contribuição destas mulheres para a economia familiar, bem como o trabalho realizado por elas na produção de alimentos e geração de renda.

Neste sentido, o instrumento é bastante relevante para o controle das rendas não monetárias relativas ao autoconsumo, bem como das rendas monetárias que estão relacionadas principalmente ao acesso a mercados locais e vendas institucionais, a exemplo do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Para sensibilizar as agricultoras foram realizadas conversas individuais e convites virtuais, os quais foram reforçados pelos Agentes Comunitários Rurais (ACRs) e em reuniões das associações. No segundo momento, foram feitas rodas de conversa com as mulheres nas suas comunidades ou no território. Foram utilizadas metodologias como mística, materiais gráficos e visuais, apresentação da caderneta com explicação da sua importância e entrega de lembrancinhas para recordação do momento. A apresentação da ferramenta com prática de anotação foi feita durante as Rodas de Aprendizagem.

Estas rodas foram feitas em todos os territórios de atuação do Pró-Semiárido/CooperCuc. Foram utilizados ainda, vídeos com relatos de agricultoras que já tinham experiências de anotação na caderneta e que tiveram mudanças em suas vidas, o que permitiu trazer o debate para a realidade local, a fim de que elas reconhecessem que também conseguiriam, a partir da ferramenta agroecológica, mudar o cenário de vida, reconhecendo seu papel e melhorando a autoestima.





Vale ressaltar que esse processo de distribuição e aceitação foi de livre arbítrio. De início, foi desenvolvido um momento de experiência no qual essas mulheres passaram a utilizar a ferramenta da caderneta, com o intuito de se adaptar. Para que a anotação pudesse progredir e fluir resultados, a equipe técnica e os ACRs entraram em campo para orientar e aplicar os questionários socioeconômicos junto a cada uma delas.

Porém, ainda assim houve inúmeras resistências, pois no decorrer do processo algumas agricultoras não tinham total confiança em dispor seus documentos, assim como estavam inseguras sobre o destino dos seus dados, além do mais, muitas se esquivaram da caderneta por receio de que seus companheiros não apoiassem a decisão. Neste sentido, temos o exemplo de uma agricultora que ficou de fora do processo no momento em que o/a técnico/a passou para aplicar o questionário, porque seu marido não permitiu que a mesma assumisse esta atividade. Foi uma situação bem delicada que só mostra o quanto o machismo é bastante predominante.

No início, as agricultoras participaram de momentos de capacitação sobre a utilização das cadernetas e reflexão sobre a busca de direitos, visibilidade dos seus trabalhos e as responsabilidades que elas têm em praticamente todos os subsistemas da propriedade, e não apenas no trabalho doméstico. Porém, ao iniciar este processo em visitas contínuas a estas mulheres foi visível uma angústia nos homens [maridos], já que são realizadas orientações e inclusão voltadas a estas mulheres, o que antes não era comum.

Ao longo destes meses houve momentos em que as mulheres se desanimaram, por empecilhos que comprometem o processo de anotações. No entanto com o incentivo e diálogo elas acabam se animando novamente. No início do trabalho houve resistência por parte de algumas agricultoras, pois, mesmo já tendo algumas iniciativas de fazer anotações dos produtos que já vendiam, elas não faziam as anotações do que era consumido, nem doado. Durante os momentos de visitas técnicas foi reforçada a importância das anotações. Já no primeiro mês, as agricultoras se deram conta da quantidade do que produziam para o consumo e não era contabilizado.

Atualmente, a anotação nas cadernetas vem se naturalizando na dinâmica de algumas agricultoras. Em muitos momentos de visitas técnicas, até sobre outras temáticas, as agricultoras mencionam sempre as anotações que fazem na caderneta. Neste sentido, a ferramenta torna-se cada vez mais forte na rotina diária dessas guardiãs da agrobiodiversidade.



Clarice da Silva Duarte
Curral Novo/ distrito de Massaroca, Juazeiro (BA)
Foto: Manuela Cavadas

VISIBILIDADE DO TRABALHO FEMININO

Experiência do IDESA, na utilização da Caderneta Agroecológica

O Instituto de Desenvolvimento Social e Agrário do Semiárido - IDESA no âmbito do Pró-Semiárido, possui uma equipe que tem uma enorme satisfação em acompanhar as mulheres rurais participantes do projeto Caderneta Agroecológica, nos municípios de atuação:

Andorinha - Bahia

- Maria Daiane de Sena Oliveira
- Anatalia Souza de Almeida
- Rosângela de Oliveira Silva

Antônio Gonçalves - Bahia

- Joilma Silva Pereira
- Maria Senhora de Jesus Pereira
- Aurelina de Jesus da Silva
- Maria Elza

Jaguarari - Bahia

- Marileuza Xavier
- Eleticia Conceição
- Jucilene Raimunda dos Santos Rodrigues
- Sheila Rosane Gomes dos Santos
- Cristiane Souza de Andrade
- Maria de Luordes da Silva
- Renata da Silva Martins

Senhor do Bonfim - Bahia

- Ivonice Maria da Silva
- Marli Maria Ferreira de Souza
- Rosimeire Bispo de Oliveira
- Lourdes Benedita da Silva
- Patrícia Bonfim Vieira
- Maria Silvana de Jesus Oliveira

Por Ana Glícia dos Santos Santana,²⁹

Daniela Nogueira Lima,³⁰ Rivalda de Moura Andrade,³¹

³² Wiliane dos Santos Santana



²⁹ Graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Ciência Animal pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

³⁰ Graduada em Zootecnia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Técnica agrícola com habilitação em agropecuária, pelo Instituto Federal Baiano, Campus Senhor do Bonfim (IFBA)

³¹ Técnica em agropecuária, pela Escola Família Agrícola do Sertão – EFASE

³² Técnica em agropecuária Sustentável pelo Programa Nacional da Educação para Reforma Agrária – PRONERA IFIBA; Licenciada em Educação do Campo, com ênfase em ciências da natureza – CETENS-UFRB

As Cadernetas Agroecológicas estão sendo utilizadas pelas agricultoras nos Territórios Rurais: Renascer da Caatinga, Conviver com a Caatinga - Andorinha-BA; Território Rural Sustentável Familiar, Reconstruindo Sonhos, Terra Forte, Progresso União para uma Agricultura Familiar Agroecológica, Sabores e Saberes do Sertão - Senhor do Bonfim-BA; Raízes da Caatinga, Caatinga Criativa, Força do Mandacaru, Território Familiar Agrícola das Areias - Jaguarari-BA; Grota Produtiva e Quilombos Unidos em Ação - Antônio Gonçalves-BA, acompanhadas pelo Instituto de Desenvolvimento Social e Agrário do Semiárido - IDESA. A ação está atendendo aos objetivos esperados, tornando visível o trabalho feminino na manutenção das unidades produtivas dos quintais, bem como promovendo a geração de renda monetária, inclusive a que não estava visível, para as mulheres rurais e também promovendo a visibilidade da renda não monetária (consumo, troca/doação), gerando uma maior segurança alimentar e nutricional, fortalecendo ainda mais a agroecologia de cada local.

No início da aplicação da metodologia, após a apresentação das Cadernetas Agroecológicas, ocorreu certa resistência por parte de mulheres em alguns territórios. Elas alegaram que não tinham tempo para fazer as anotações diariamente, outras relataram a dificuldade na escrita, portanto a equipe técnica da entidade fez uma nova apresentação, mostrando a importância do projeto e também alternativas para essas mulheres, que demonstraram interesse em participar da metodologia. Sugerimos, então, que os/as filhos/as, dessas agricultoras ficassem responsáveis pelas anotações e, quando o/a filho/a, não tivesse disponibilidade para anotar contaríamos com o apoio do Agente Comunitário/a Rural (ACR).

Com isso, 20 mulheres rurais desejaram participar no processo de anotações. Essas agricultoras são acompanhadas pelos técnicos e Agentes Comunitários Rurais - ACRs e após a confirmação foram realizadas algumas atividades, seguindo a metodologia de aplicação de questionários socioeconômicos, construção de mapas da sociobiodiversidade e divisão sexual do trabalho e as agricultoras puderam perceber a diversidade de atividades que as mesmas desenvolviam em casa e nos seus quintais produtivos. Infelizmente, no decorrer da pesquisa, ocorreu a desistência de duas agricultoras, que relataram o adoecimento de um membro da família e a consequente necessidade de acompanhamento ao hospital, bem como a mudança de cidade, inviabilizando as anotações da produção.



Com o passar dos meses essas mulheres começaram a perceber e valorizar o trabalho, a produção dos seus quintais, agregando valores a produtos e também mantendo controle e quantificando o consumo, doação, troca e venda, ocorrendo uma maior valorização dessa produção, que antes tinha invisibilidade, deixando assim de anular o trabalho feminino. A caderneta é uma ferramenta que tem como principal objetivo dar visibilidade ao trabalho das agricultoras, que por muito tempo era visto apenas como ajuda ou um trabalho sem valor econômico. Nesse contexto da renda, o trabalho com a caderneta não só deu visibilidade, como proporcionou o auto-reconhecimento e o protagonismo feminino nos trabalhos desenvolvidos nos quintais e nas múltiplas atividades que são desenvolvidas nos agroecossistemas.

Nesse sentido, com a utilização da caderneta conseguimos visualizar essa produtividade, através dos dados coletados em campo, frutos das anotações dessas mulheres, que são donas de casa, mães e agricultoras e participam de forma igualitária aos seus companheiros na composição da renda familiar.

Em relação à renda gerada nos quintais produtivos, Maria Daiane, moradora da comunidade Barriga Mole, Andorinha-BA, que faz o uso da Caderneta Agroecológica, ressalta:



“Em outros tempos eu não tinha controle das coisas que eu pegava no meu quintal e também não tinha um valor certo para os produtos, depois que comecei a utilizar a Caderneta Agroecológica eu pude perceber o quanto meu quintal produz e coloquei valores para alguns produtos. [...] Os tomates, ovos que pego no meu quintal, não tenho necessidade de comprar no mercado. Com ajuda da caderneta posso perceber o quanto ganho e estou economizando”.



Essa produção para venda e autoconsumo causa um forte impacto na renda familiar, sendo que boa parte da produção dessas mulheres dos diferentes territórios rurais é voltada para o consumo da própria família e doação. A Caderneta Agroecológica nos proporciona uma riqueza de detalhes, estimulando as práticas associativas, favorecendo a estabilidade dos sistemas agroecológicos nas comunidades rurais e também a visibilidade de quantas cadeias produtivas tem em cada unidade de produção familiar.

Além disso, a caderneta promove oportunidades de debates entre essas mulheres rurais como o evento: I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano, com o tema CADERNETA AGROECOLÓGICA: feminismo, empoderamento e autonomia das mulheres, que ocorreu em dezembro de 2019, na cidade de Senhor do Bonfim-BA, reunindo mais de 300 mulheres. Foi uma experiência maravilhosa, tanto para essas agricultoras, como para técnicos/as e ACRs das entidades participantes. A respeito deste evento, Aurelinda, moradora da comunidade Baixinha, Antônio Gonçalves/BA, que faz uso da Caderneta Agroecológica, relatou:

“É a primeira vez que faço uma viagem para fora da minha cidade Antônio Gonçalves e estou muito feliz pela oportunidade [...] É muitas mulheres juntas! Conhecer um pouco da história de cada uma é bom né?! Quando eu voltar para minha comunidade vou conversar com minha família, amigos, marido como foi bom o evento da Caderneta Agroecológica e gostei muito de conhecer a cidade de Senhor do Bonfim”.

São inúmeros os impactos da Caderneta Agroecológica nos territórios atendidos pela entidade IDESA, por meio do Pró-Semiárido. Conversas entre as usuárias da caderneta evidenciam o caráter social das suas experiências individuais. Elas percebem que o que acontece com elas acontece também com outras mulheres e isso impacta diretamente no empoderamento feminino, porque elas se vêem como parte de um conjunto. A caderneta trouxe impactos positivos de longo alcance na vida de centenas de mulheres rurais, mudando a forma como elas e seus parceiros valorizam sua própria produção e até mesmo ajudando-os a se beneficiarem de políticas governamentais destinadas à agricultura familiar.

No Território Grota Produtiva, hoje acompanhamos quatro agricultoras que adotaram a caderneta e já reconhecem a importância dessa ferramenta no processo de valorização do trabalho da mulher e do trabalho enquanto produção da renda familiar. Em algumas visitas realizadas pela técnica de campo, elas relataram o que conseguem perceber, através das anotações, e o quanto estão ganhando, tanto através da venda como na questão do consumo, já que utilizam uma prática de produzir alimentos de forma saudável. A agricultora Geane relata:

“O que a gente produz pouco é para o consumo, porque não compramos fora, aí conseguimos economizar”.

As agricultoras que adotam as Cadernetas Agroecológicas conseguem não só reconhecer a importância do seu trabalho, mas se sentirem felizes de compartilhar esses valores, que são frutos do trabalho diário, que produz alimento e renda para a família. Esses são alguns dos relatos sobre a ferramenta, mas nós, enquanto equipe técnica, conseguimos perceber o avanço socioeconômico que a ferramenta nos permite trabalhar no assessoramento técnico, além da agroecologia, que partilha dos eixos social, econômico e ambiental, que fazem parte da essência do trabalho de base agroecológica.

Vale ressaltar que o IDESA irá continuar com o uso da metodologia, que é riquíssima de informações, no sentido de nortear as atividades de assessoramento técnico, valorando o trabalho das mulheres rurais, que são as principais protagonistas da Agroecologia.

AS GUARDIÃS DA AGROBIODIVERSIDADE A SEMEAR PROTAGONISMOS:

EXPERIÊNCIA DO IRPAA COM A CADERNETA AGROECOLÓGICA

Por Aline Thaianes Nunes Lopes³³, Adriana Ferreira Nascimento³⁴, Bruno Gonçalves da Silva³⁵,
Clerison dos Santos Belem³⁶, Dannielle Roseanne Pereira Santos Martins³⁷, Kryssia Gislayne Pinheiro Melo³⁸

A metodologia foi proposta pela Assessoria de Gênero do projeto Pró-Semiárido e trabalhada nos 27 Territórios Rurais - TR assessorados pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, nos dois lotes de atuação (Juazeiro e Campo Formoso) em cinco municípios: Juazeiro, Sobradinho, Remanso, Sento Sé e Campo Formoso. A sensibilização das mulheres das comunidades acerca da utilização das Cadernetas Agroecológicas se deu em nível de Território, onde foi realizada a mobilização de todas as agricultoras que fazem parte do projeto Pró-Semiárido para participação de uma roda de aprendizagem sobre a temática. A atividade ocorreu após a capacitação de técnicos/as e envolveu, também, as associações, ACRs e lideranças locais.



Roda de aprendizagem para
apresentação das Cadernetas Agroecológicas
Juazeiro - Bahia

³³ Eng. Agrônoma - Universidade Estadual da Bahia - UNEB; Tecnóloga em Gestão Ambiental - Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR; Mestre em Extensão Rural - Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

³⁴ Graduação: Licenciatura em Ciências Agrárias - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano; Esp.: Desenvolvimento Sustentável no Semiárido-IF Baiano, Mestrado: Extensão Rural-UNIVASF

³⁵ Médico Veterinário - UNIVASF

³⁶ Graduação em Zootecnia - UNIVASF; Mestrado em Ciência Animal - UNIVASF

³⁷ Eng. Agrônoma - UNEB

³⁸ Eng. Agrônoma - Universidade Estadual da Bahia - UNEB; Mestre em Produção Vegetal - UNIVASF

Em Sento Sé, as rodas de aprendizagem ocorreram com o apoio e participação efetiva de integrantes da Rede de Mulheres do Sertão do São Francisco em todos os cinco territórios rurais do município. Além de contribuir com a discussão e animação das mulheres nas comunidades rurais, a partir desta discussão outras agricultoras passaram a integrar a Rede.

As cadernetas foram apresentadas para as mulheres em rodas de aprendizagem que ocorreram em todos os Territórios Rurais assessorados. Durante as atividades, foram utilizadas metodologias que objetivaram promover o entendimento sobre a ferramenta e sua importância. Diante disso, foram utilizadas diversas ferramentas, como vídeos, apresentações em PowerPoint, criação de mapas mentais e simulação de preenchimento junto às agricultoras. Como poucas mulheres conheciam a metodologia, em algumas comunidades utilizamos a estratégia de distribuir alguns exemplares das Cadernetas Agroecológicas para que as agricultoras realizassem o preenchimento durante um determinado período e pudessem contribuir com a discussão e levantamento de dúvidas no dia da Roda de Aprendizagem.

Ao final da atividade, realizamos uma reflexão coletiva sobre como a metodologia pode contribuir no reconhecimento do trabalho das agricultoras e, após tirar dúvidas sobre o preenchimento, perguntamos às mulheres presentes, quem teria interesse em registrar diariamente a sua produção. Desta forma, todas as mulheres que se mostraram interessadas receberam a caderneta e iniciaram as anotações.



No primeiro mês, considerando os lotes de Juazeiro e Campo Formoso, 60 mulheres iniciaram a sistematização e durante todo o processo chegamos a coletar informações de 90 agricultoras. Entretanto, com o passar dos meses tivemos oscilação no volume de envios. Desta forma, na sistematização referente a julho de 2020 tivemos 70 planilhas enviadas, tendo uma média de 70,6 sistematizações mensais para os dois lotes de atuação durante o primeiro ano de pesquisa.

A oscilação no volume de cadernetas sistematizadas se deu pelos seguintes motivos: algumas mulheres deixaram de enviar dados em determinados meses e outras desistiram de sistematizar. Em relação à irregularidade de envios e desistências, diversos fatores influenciaram, desde a indisponibilidade de água para produção e dificuldade de comunicação no período da pandemia, a questões particulares, como viagens ou doença das agricultoras ou de algum membro da família.

A aplicação dos questionários se deu por meio de visitas individuais, após a Roda de Aprendizagem, e contou com participação do/a Técnico/a em Agropecuária e Agente Comunitário/a Rural (ACR) dos territórios rurais. A atividade foi realizada a partir de uma conversa, para melhor entendimento do conteúdo, e caminhada transversal pela propriedade da família.

Em algumas situações, as agricultoras demonstraram certa insegurança quanto à resposta de alguns dados do questionário, por acreditarem que as informações concedidas pudessem implicar em cortes de alguns benefícios sociais, porém, ao serem asseguradas de que se tratava de uma pesquisa sobre as Cadernetas Agroecológicas, sentiram-se tranquilas, contribuindo para que tal ação fosse realizada. Ressaltamos que todo questionário foi respondido apenas por mulheres, inclusive nas situações onde a agricultora de referência contou com o apoio de filhas ou netas. Algumas agricultoras tiveram dificuldade em responder parte das questões relacionadas à produção, acesso a políticas públicas e feminismo. Um indicativo que estes temas devem ser trabalhados com mais afinco a partir do nosso assessoramento técnico.

A respeito do trabalho das cadernetas, a nível institucional, tivemos o desafio de dar continuidade ao acompanhamento de forma remota a um número considerável de mulheres, durante o período de pandemia, onde a equipe não pode realizar visitas às famílias. O desafio se deu, sobretudo, em comunidades onde o acesso à internet e sinal telefônico eram limitados.

A CA é um instrumento que necessita, inicialmente, de um acompanhamento semanal, pois não só as mulheres, mas as famílias assessoradas não possuem o hábito de realizar anotações sobre sua produção, sendo necessárias visitas frequentes para estimular o preenchimento, de forma que os dados coletados reflitam a real produção das mulheres. Outro desafio é a utilização da caderneta por mulheres com leitura e escrita limitadas (especialmente em TR sem Técnico/ao Agrícola e ACRs), o que faz com que as mesmas fiquem dependentes dos/as filhos/as/netos/as para fazerem a anotação, que nem sempre é realizada no momento exato, o que pode fazer com que esqueçam de anotar determinados produtos.



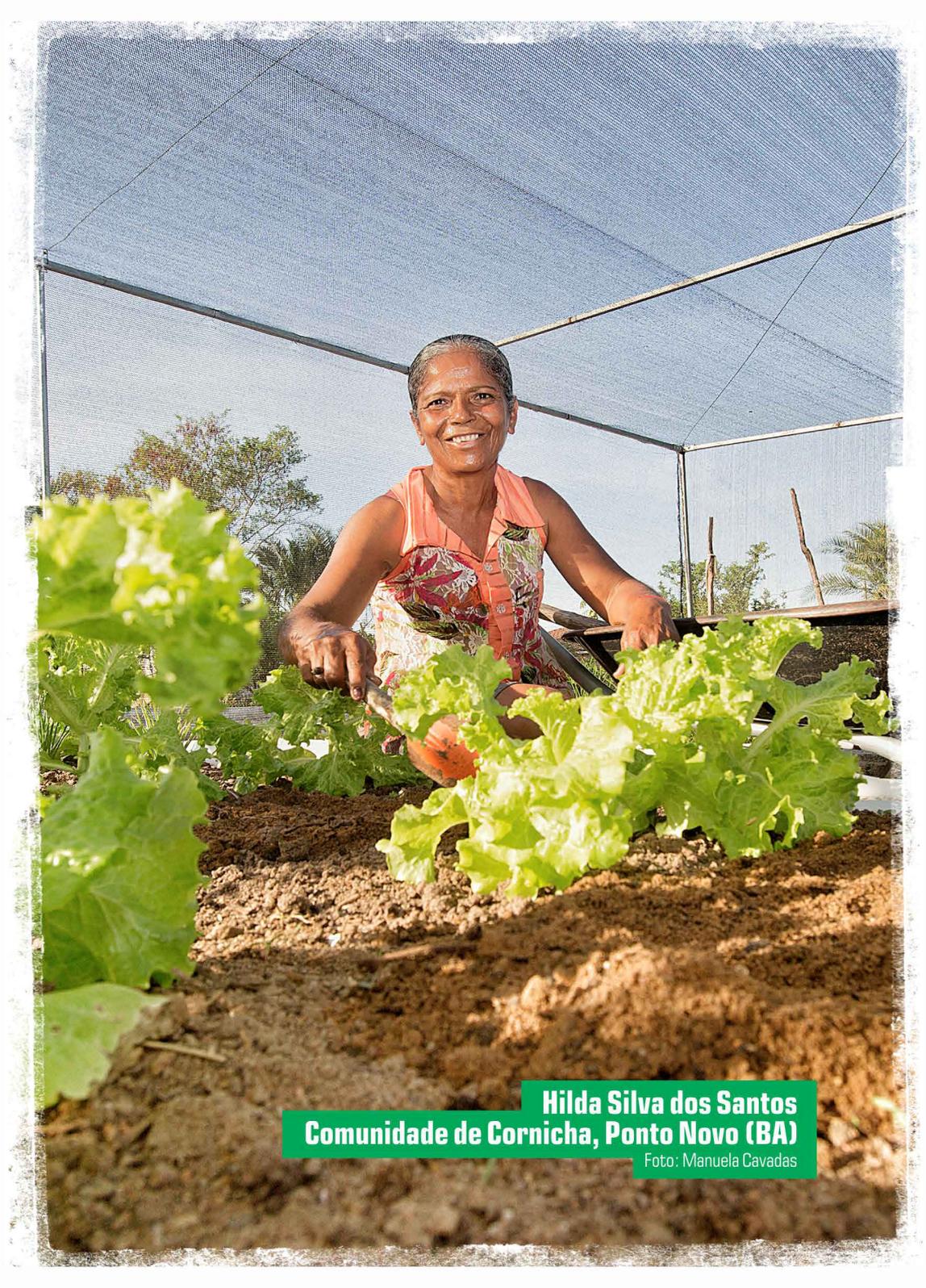


Ademais, o trabalho com as cadernetas vem a somar às ações desenvolvidas pelo IRPAA, pois trabalha numa perspectiva crítica e emancipadora, permitindo a discussão nas comunidades de diversos temas (divisão sexual do trabalho, gênero, agroecologia...) a partir de exemplos reais e de fácil entendimento. Do ponto de vista das mulheres envolvidas na sistematização, além do baixo hábito de realizar anotações, observamos que algumas não realizavam a listagem de produtos que eram utilizados em pequenas porções, o que, ao final da sistematização, representava um volume considerável de renda não monetária. Também observamos que algumas não anotavam plantas medicinais e mudas que eram frequentemente doadas.

A respeito das relações econômicas, vimos que as vendas eram anotadas de forma mais fiel que as outras relações econômicas não monetárias (doação, troca e consumo). Pois é culturalmente vista como de maior importância por algumas mulheres. Neste sentido, também observamos que em períodos com comercialização reduzida, seja por baixa disponibilidade hídrica ou devido ao fechamento de feiras com a pandemia, as mulheres se sentiam desestimuladas a realizar as anotações.

Entretanto, boa parte destes desafios foram superados e atualmente a maioria das mulheres continua animada a realizar a anotação e contribuir com dados para mais um ano de pesquisa. Além disso, é importante ressaltar a forma como as cadernetas contribuíram para o aumento da autoestima das mulheres, que passaram a se enxergar ativamente dentro do contexto produtivo familiar. Reconhecendo e demonstrando a sua importância para a garantia de uma alimentação rica e diversa para a sua família e para outras famílias que compram e consomem a sua produção.

Através das anotações também foi possível dar luz à diversidade de produtos e alimentos, que as mulheres manejam em áreas pequenas e a partir de poucos recursos. Também foi muito forte a surpresa que algumas destas mulheres demonstraram ao descobrir, no final de cada mês, o volume de renda gerada a partir do seu trabalho, especialmente através de relações não monetárias, e o impacto disto na economia familiar.



Hilda Silva dos Santos
Comunidade de Cornicha, Ponto Novo (BA)

Foto: Manuela Cavadas



Raulina da Silva Santana
Comunidade de Macaúbas - Miguel Calmon-BA

“Inicialmente quando se falou deste trabalho de trabalhar com as cadernetas eu achei que não era tão importante, que não tinha muita serventia pra nós mulheres, mas a partir do momento que tivemos a reunião com Jaqueline [técnica de ATC] e ela nos apresentou essa caderneta, a forma de como a gente ia trabalhar com ela, a gente começou a tomar gosto e, eu comecei a anotar tudo que eu consumia na minha casa, eu e minha família, tudo o que eu vendia, tudo que eu dava. Então eu percebo o quanto esta caderneta tem me ajudado, tem me mostrado o quanto a gente é importante, o quanto a gente trabalha, o quanto a gente desenvolve as nossas atividades, o quanto a gente produz. Eu tenho como ver tudo isso. Então, esta caderneta é de grande importância ela nos dá o empoderamento como mulher. Percebo o quanto a gente tem força. Às vezes as mulheres, muitas mulheres, não se dá o valor, não se dá importância. Acha que o trabalho é só o trabalho do homem, muitas têm em mente que só ajudam. Nós mulheres não só ajudamos, nós mulheres trabalhamos. Tudo isso veio a nos trazer este conhecimento. Esta caderneta é de suma importância e nos mostra que a gente vai aonde a gente quer, desde que a gente queira”

CADERNETAS AGROECOLÓGICAS:

uma metodologia de monitoramento para valorização do trabalho e autonomia das mulheres

Por **Jaqueline Santos Silva**³⁹, **Márcia Maria Pereira Muniz**⁴⁰, **Eduardo Rodrigues Araújo**⁴¹

O Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP), ao longo dos últimos anos, já experimentava a metodologia das Cadernetas Agroecológicas com algumas famílias na sua área de atuação. Entre 2016 e 2018, participou de uma pesquisa nacional realizada em parceria com redes de mulheres feministas, o grupo de trabalho Mulheres da ANA – Articulação Nacional de Agroecologia – e um grupo de universidades e institutos de pesquisa públicos de várias regiões do Brasil. A ação contribuiu para fortalecer a discussão de gênero no trabalho cotidiano do Assessoramento Técnico Contínuo (ATC). Nesse período, foram realizadas algumas oficinas internas da organização para homens e mulheres no intuito de tecer novas compreensões e conceitos sobre a equidade de gênero em todos os âmbitos das ações técnicas do SASOP.

Atividades de formação na temática de gênero, entretanto, tiveram início com a realização de oficinas territoriais com as mulheres, assessoradas pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), por meio do projeto Pró-Semiárido, com apoio da equipe técnica do SASOP. Durante essas oficinas, foi possível reunir um bom número de mulheres de cada território do projeto e discutir os temas centrais da visibilização e valorização do trabalho da mulher, bem como questionar as relações entre gêneros presentes na sociedade. Outro espaço que oportunizou a participação das mulheres no dia a dia do projeto Pró-Semiárido foram as Rodas de Aprendizagem, metodologia utilizada pela equipe de ATC, que estimulou a participação efetiva das/os agricultoras/es, com maior ênfase ainda para a equidade de participação entre homens e mulheres.

³⁹ Técnica em agropecuária

⁴⁰ Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial / UNIVASF

⁴¹ Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial / UNIVASF

Ao longo dos anos, o SASOP tem desenvolvido ações estratégicas para fortalecer os quintais agroecológicos, já que se configura um ponto forte das atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres. Ademais, os quintais têm uma grande relevância na produção diversificada de alimentos e na conservação da agrobiodiversidade. Dessa forma, visibilizar e reconhecer o papel estratégico da mulher nesse espaço de produção é premissa básica para a sua valorização no agroecossistema e para a ruptura das relações machistas e patriarcais que ainda hoje permeiam a sociedade.

As mulheres sempre tiveram um papel importante na construção e conservação da agrobiodiversidade, na segurança alimentar e nutricional, na saúde, na sustentabilidade ambiental e, conseqüentemente, no desenvolvimento de seus territórios e regiões. Entretanto, também se observa que as desigualdades de gênero na agricultura familiar, ainda hoje, se apresentam como obstáculos ao desenvolvimento rural. Estes se manifestam historicamente na vida cotidiana de agricultores e agricultoras, principalmente pela distribuição da renda gerada pelo trabalho familiar, pela falta de participação nos processos decisórios e presença nos espaços de sociabilidade, lazer e acesso a informações.



A retomada do trabalho com as Cadernetas Agroecológicas, por meio do projeto Pró-Semiárido, contou com a realização de uma reunião com toda a equipe, fazendo apresentação da metodologia e uma reflexão sobre a importância de dar visibilidade aos quintais e outros espaços de maior participação das mulheres, a partir de exemplos já desenvolvidos em outras regiões e outras entidades. Em seguida, montou-se uma estratégia de como desenvolver as ações junto aos territórios rurais do Pró-Semiárido. Ficou acordado que cada técnico/a iria realizar uma atividade em cada grupo de interesse e, ao final da reunião de sensibilização, seriam disponibilizadas as cadernetas para as mulheres que quisessem realizar esse trabalho.

Por ocasião dessa primeira etapa de sensibilização e distribuição das Cadernetas Agroecológicas, foram distribuídos 56 instrumentos de registro entre as mulheres dos 13 territórios rurais acompanhados pelo SASOP. Outra etapa, incluída no método das Cadernetas Agroecológicas, é a aplicação de um questionário socioeconômico para conhecer melhor o perfil das mulheres que estavam participando do projeto. Os/as Agentes Comunitários/as Rurais (ACRs) também contribuíram na organização e realização dos questionários. Ao final, foram aplicados 45 questionários com as mulheres participantes do projeto.

Nesse contexto, com as 33 mulheres já inseridas no processo de anotação das informações da produção nas cadernetas, percorre-se um ano de caminhada e de alguns desafios enfrentados no processo. Dentre eles, a já sabida dificuldade de anotação, seja pela falta de escolaridade, ou pela simples falta de costume de fazer anotações diárias, principalmente dos alimentos consumidos pela família, da troca e de padronização das medidas. Outra dificuldade encontrada foi a inconstância de anotação, devido a algumas viagens ou até por não ter, segundo as próprias mulheres, produção a ser registrada todos os meses.

No entanto, a riqueza dos dados obtidos fala por si, demonstrando que as mulheres são provedoras de uma economia invisibilizada e extremamente rica. Os produtos são diversos e de alto valor biológico para a família. Os consumidores também têm acesso a produtos de alta qualidade. Os dados comprovam, na perspectiva do olhar da agroecologia e da economia feminista, o real funcionamento da economia do agroecossistema. As informações demonstram a contribuição das mulheres na economia familiar. A maior parte da produção se destina ao consumo da família, o que nem sempre era valorizado. Ao fazer uso da caderneta foi possível dar visibilidade a produções protagonizadas pelas mulheres agricultoras. Sem o trabalho e a produção das mulheres a condição econômica, social e cultural das famílias do meio rural seria rebaixada para níveis de menor soberania e segurança alimentar e nutricional.

As agricultoras, em diversos relatos, demonstram a satisfação de fazer parte do projeto das Cadernetas Agroecológicas, devido à capacidade de geração de autoestima, empoderamento, respeito nas relações homem-mulher etc, como bem relata a agricultora Jaciara Ribeiro, da comunidade Caldeirão do Boi - Campo Alegre de Lourdes:



“Antes não tinha noção do quanto contribuía para a renda da família, nunca parei para colocar na ponta do lápis o que produzia no meu quintal. Parte da renda de nossa família vem dos quintais como o coentro, alface, cebolinha, couve, salsinha, pimentão, pimentinha, abobora, maxixe, mamão, limão, banana, ovos, galinhas e outros mais”.



Dessa maneira, é possível concluir que o uso da Caderneta Agroecológica contribuiu para ampliar os conhecimentos e a compreensão da importância do trabalho realizado pelas mulheres nos agroecossistemas das comunidades rurais assessoradas pelo SASOP, sendo possível dar visibilidade à agrobiodiversidade dos quintais e outros espaços de maior participação social e econômica das mulheres, a partir da análise do que é produzido por estas nos quintais.



Adriana de Jesus
Assentamento Lagoa de Dentro, Ourolândia (BA)

Foto: Manuela Cavadas

COM TRABALHO VALORIZADO, AGRICULTORAS PERCEBEM A IMPORTÂNCIA DO SEU PAPEL PARA MANUTENÇÃO DA VIDA:

Experiências com a Caderneta Agroecológica na Cactus

Por ⁴²Fabiola Araújo Goes, ⁴³Luiz Fernando Andrade dos Santos, ⁴⁴Eronilton de Souza Freitas, ⁴⁵Thaíse Pereira de Matos, ⁴⁶Geisa Carvalho de Almeida, ⁴⁷Silene Almeida Viana, ⁴⁸Alane dos Santos Bezerra, ⁴⁹Givanildo Lopes da Silva, ⁵⁰Amadeu Santos das Chagas, ⁵¹Eric Barros Souza

Este trabalho de sistematização é fruto da metodologia adotada para a realização da pesquisa com as Cadernetas Agroecológicas pelo projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável na Bahia - Pró-Semiárido, no período de treze meses, de agosto de 2019 a setembro de 2020. A pesquisa foi realizada com 37 mulheres agricultoras nos municípios de Caldeirão Grande, Pindobaçu, Filadélfia e Ponto Novo, nos Territórios Rurais inseridos nos municípios supracitados, localizados no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. É um dos mais importantes resultados gerados pelo Contrato de Trabalho nº 208/2017, realizado entre a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR e a Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS.

Constitui objeto do contrato de trabalho supracitado a contratação da entidade de Assessoria Técnica Continuada - ATC, CACTUS, para realizar o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER, no município de Pindobaçu, nos Territórios Rurais: Unidos para Vencer e Rumo à Renovação; Filadélfia, nos Territórios Rurais, União Produtiva para o Semiárido, Busca Vida e Núcleo Produtivo AMAPIBA; Ponto Novo, nos Territórios Rurais: Giro da Serra e Flor de Mandacarú; e, em Caldeirão Grande, nos TR's: União Para Vencer e Unidos Para Um Futuro Melhor.

⁴² Engenheira Agrônoma, com especialização em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável

⁴³ Técnico em Agropecuária

⁴⁴ Técnico Agrícola

⁴⁵ Técnica em Agropecuária

⁴⁶ Técnica em Agropecuária

⁴⁷ Técnica em Agropecuária

⁴⁸ Técnica agrícola

⁴⁹ Zootecnista

⁵⁰ Técnica em Agropecuária

⁵¹ Técnica em Agropecuária

A aplicação do questionário para caracterização do perfil socioeconômico e participação política das agricultoras foi realizada no mês de setembro do ano de 2019, por meio de visitas individuais e em forma de entrevistas, onde as mulheres responderam os questionários de forma tranquila, sem pressa, sem interferência de terceiros, principalmente da figura masculina residente na casa, e demonstraram segurança em suas respostas, exceto ao responder as questões abertas sobre feminismo e agroecologia. As perguntas foram sendo realizadas pelas técnicas/os da entidade e as agricultoras, de forma individual e espontânea, foram respondendo.

Foram momentos de aprofundar o autoconhecimento sobre o agroecossistema, bem como ampliar o olhar da equipe de assessoria técnica sobre as principais atividades econômicas e organizativas desenvolvidas pelas mulheres. Ao final da aplicação dos questionários socioeconômicos, a entidade realizou o scanner do material respondido pelas agricultoras e enviou por e-mail para a equipe de sistematização.

Nos momentos de entrega das cadernetas para as mulheres, foi realizada a formação de Núcleos de Mulheres das Cadernetas Agroecológicas em cada território rural, para a realização de encontros mensais, além das visitas semanais de acompanhamento para preenchimento e animação. Os encontros aconteceram nos meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2019. De forma geral, os encontros tiveram o objetivo de socializar dificuldades, avanços, formas de preenchimento diário, semanal e mensal, bem como leitura das relações socioeconômicas dos produtos anotados, socialização da experiência com os questionários socioeconômicos e com os mapas da agrobiodiversidade; padronização das unidades de medida, incentivo e fortalecimento da troca e doação de produtos (sementes e mudas de plantas); orientações de como manter a produção durante o período de estiagem; socialização de receitas naturais para controle de pragas e doenças nos canteiros econômicos; trabalho com temas específicos (feminismo e agroecologia); exposição dos produtos e artesanatos feitos pelas mulheres. Foram momentos de construção de conhecimento, descontração, partilha, sorteio de brindes e muita troca de experiência entre as mulheres.



Reunião de núcleo de mulheres, território rural Giro da Serra - Ponto Novo/BA



Exposição de Produtos, reunião de núcleo de mulheres, território rural Giro da Serra Ponto Novo/BA

O caminho percorrido para a coleta e organização dos dados das relações socioeconômicas das anotações das mulheres, autoconsumo, troca, venda e doação, aconteceu de comum acordo ao planejamento realizado pelas 10 entidades que realizam o serviço de Assessoria Técnica Continuada, junto à Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e o Semear Internacional. As técnicas (os) responsáveis pela ATC em cada território rural realizavam visitas aos agroecossistemas das agricultoras e ao final de cada mês, entre os dias 30 e 06, realizavam os registros fotográficos das anotações do mês de cada agricultora.

Depois, os (as) colaboradores (as) da entidade faziam a transcrição dos dados para uma planilha em excel e posteriormente enviavam para a coordenação da equipe, que era responsável por juntar as planilhas de todas as agricultoras do mês de referência e enviar para a assessoria de gênero, raça/etnia e geração do projeto. É importante ressaltar que no período da pandemia os registros fotográficos passaram a ser enviados pelas próprias agricultoras e por alguns(as) Agentes Comunitários(as) Rurais (ACR), familiares ou amigos/as que auxiliaram, através do WhatsApp, meio pelo qual as técnicas (os) acompanharam as anotações das mulheres.

No primeiro mês da pesquisa, algumas mulheres tiveram insegurança no momento de realizar as anotações, devido à falta de acesso à escola formal, muitas tinham pouca prática com a escrita, porém não foi uma limitação para participação. Foram feitos combinados com os familiares e vizinhos mais próximos que pudessem dar suporte no momento das anotações e as agricultoras contaram também com auxílio da equipe de assessoria técnica, bem como das filhas, sobrinhas, netas e amigas vizinhas. Foi desafiador para algumas mulheres agricultoras superar o medo e a insegurança de tornar público as informações de produção e renda. Muitas ficaram apreensivas com o sigilo das informações.

A partir disso, foi feito acordo entre as 10 entidades e o Semear Internacional, para manter o sigilo das informações, tratando e analisando os dados de forma coletiva nos espaços de debate necessários para colocar luz e visibilizar o trabalho que a mulher exerce em seus agroecossistemas. Outro desafio foi a desmotivação de algumas mulheres no decorrer do processo de anotação, causando desistência da pesquisa, fato avaliado pela equipe de assessoria técnica como “normal”, visto que as mulheres têm sobrecarga na rotina de trabalho que ainda é atribuição delas e a pesquisa não poderia contribuir com esse acúmulo, pelo contrário, é uma oportunidade de auto-reconhecimento, visibilização e empoderamento sobre as atividades produtivas e reprodutivas desenvolvidas por elas.

Foi observado pela equipe técnica que as agricultoras realizam poucas anotações na coluna de troca, isso devido a situações em que as trocas não eram momentâneas, por isso as mesmas não as consideravam como tal. A principal dificuldade que tivemos nesse percurso foi a pandemia da Covid-19, que se iniciou em março de 2020, que impossibilitou a continuidade do acompanhamento presencial junto às agricultoras. Foi necessário a adaptação da equipe de assessoria técnica da entidade e das agricultoras para a realização do acompanhamento virtual, utilizando principalmente o aplicativo whatsapp.

Com a adoção da caderneta percebeu-se avanços significativos na vida das agricultoras que participaram da pesquisa, que a partir do olhar para os próprios agroecossistemas, puderam perceber quantitativa e qualitativamente a importância de seu próprio trabalho e a produção destinada ao autoconsumo, venda, troca e doação para a geração e manutenção da vida.



GRUPO	DESCRIÇÃO
Grupo 1	Alimentos por origem - alimentos de origem animal
Grupo 2	Alimentos por origem - alimentos de origem mista
Grupo 3	Alimentos por origem - alimentos de origem vegetal
Grupo 4	Artesanato e trabalhos manuais
Grupo 5	Mudas e sementes
Grupo 6	Outros
Grupo 7	Plantas e preparos medicinais
Grupo 8	Serviços



Identificou-se rica biodiversidade nos agroecossistemas analisados, como ilustrado no gráfico (1). 227 produtos que as mulheres cultivam, incluindo os alimentos de origem animal, mista e vegetal, artesanato, trabalhos manuais, mudas, sementes, plantas, preparos medicinais e serviços. Sendo destaque o quantitativo de alimentos de origem vegetal (113), plantas e preparos medicinais (38), mudas e sementes (32) e alimentos de origem animal (18). A partir desses dados constatamos que a riqueza gerada, fruto do trabalho das mulheres agricultoras nos 37 agroecossistemas analisados, tem impactos importantes na segurança e soberania alimentar e nutricional das famílias e comunidades.

As mulheres ampliaram o entendimento referente aos princípios da agroecologia e feminismo, conseguiram visualizar o quantitativo de atividade que são capazes de realizar durante o dia, perceberam a importância de fazer parte de organizações sociais (associações, sindicatos, grupos de mulheres ou qualquer tipo de organização que dê visibilidade e valorize o trabalho delas). Para a entidade CACTUS, ter acesso à ferramenta e ter condição de aplicá-la juntamente às agricultoras foi importantíssimo, devido aos ricos momentos de formação e capacitação que a mesma proporcionou, principalmente referente a temas como agroecologia e feminismo, para toda a equipe de campo, contribuindo para a autonomia e autoestima das mulheres.

Ainda é necessário potencializar a reflexão e análise dos dados gerados junto às agricultoras, pois os mesmos têm papel fundamental na transformação da vida de muitas mulheres, bem como pautar a reformulação de políticas públicas para elas. Consideramos bastante relevante essa autonomia que foi sendo construída/aprimorada ao longo desse tempo do projeto. Há um despertar e um reconhecimento para a importância desse trabalho realizado por mulheres em seu agroecossistema, inclusive outras mulheres estão tomando conhecimento dessa experiência e têm demonstrado interesse em participar futuramente da pesquisa.

Então para a entidade, o resultado de todo esse trabalho coletivo é o reconhecimento do potencial dessas mulheres, que são moradoras de uma região semiárida, mas que tendo acesso a terra, água e formação, sobretudo potencializando a agroecologia e o feminismo, podem garantir soberania alimentar e nutricional e realizar aprofundamentos analíticos referentes à herança do patriarcado na família e na comunidade.



Roseli dos Santos Sobrinho
Comunidade Malhadinha de Fora, Jacobina (BA)

Foto: Manuela Cavadas

Capítulo II

MAPA DA AGROBIODIVERSIDADE:

QUANDO A MULHER
ENXERGA O SEU LUGAR



ILUSTRANDO O LUGAR DE TRABALHO E AUTONOMIA DAS MULHERES

Por Tamara Rangel⁵²

Uma etapa muito importante na metodologia das Cadernetas Agroecológicas é a construção do Mapa da Sociobiodiversidade, que tem como objetivo conhecer o agroecossistema familiar e o lugar de trabalho/autonomia das mulheres rurais, onde sua construção é, sobretudo, um momento formativo para a agricultora. De acordo com Cardoso et al. (2019), sabemos que a mulher trabalha em todo o agroecossistema, mas queremos com o mapa lançar luz sobre lugares em que as elas constroem sua autonomia e como “nesses lugares elas produzem conhecimentos, bens agrícolas (alimentos, plantas medicinais, frutas, árvores nativas, sementes, animais etc.) e bens culturais” (CARDOSO et al., 2019, p. 30).



Através dos mapas da sociobiodiversidade, é possível também compreender o olhar que a agricultora tem sobre seus espaços e como se refletem as relações de poder entre a família, o território, o bioma, a cultura, etc. Dessa forma, é possível compreender a divisão sexual do trabalho nos distintos espaços pelos diferentes membros da família.

O mapa é um desenho que deve ser feito unicamente pela agricultora da sua propriedade, o mais detalhado possível, identificando todos os lugares de produção onde são protagonistas e os produtos vindos destes lugares para consumo, doação, troca ou venda. Nessa etapa a/o técnica/o assessora/o pode orientar e ajudar no desenho do mapa, mas tendo sempre o cuidado de não induzir a percepção das mulheres durante o processo.

⁵² Engenheira Agrônoma pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB e Mestranda em Educação e Diversidade - UNEB



No Pró-Semiárido, os mapas da sociobiodiversidade foram realizados em forma de desenho em cartazes com canetas, tintas, lápis e desenhos, elaborados unicamente pela agricultora sobre como ela enxerga seu agroecossistema, assim como orienta o Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica. Com orientação da técnica/o, as mulheres identificaram todos os lugares de produção onde são protagonistas e os produtos vindos destes lugares para consumo, doação, troca ou venda.

Após desenhar, as mulheres ainda identificaram quais os subsistemas em que ela tem protagonismo no seu trabalho e gestão familiar, incluindo as tarefas domésticas e ao redor da casa. Elas então marcaram o símbolo do gênero feminino nos lugares em que ela “decide”, ou seja, determina o que vai ser produzido, como e quando, exercendo com maior protagonismo tal atividade. Nesses locais, elas podem ter ou não a contribuição de outro membro da família. Quando o homem contribuiu nesse lugar foi marcado o símbolo do gênero feminino na frente e o símbolo do gênero masculino depois. Já nos lugares onde o homem “decide” o símbolo do gênero masculino vem na frente do símbolo do gênero feminino, caso ela também participe da atividade (CARDOSO et al., 2019).

A fim de auxiliar no desenho dos mapas para aquelas mulheres que apresentaram dificuldade, nós distribuímos alguns símbolos e desenhos (animais, casa, plantas, etc) para que elas pudessem colar em seu cartaz, adaptando assim a metodologia para que ficasse mais inclusiva para elas. Também optamos por realizar a atividade coletivamente com o núcleo de mulheres da comunidade ou território rural, através de uma reunião com todas elas. Dessa forma as mulheres puderam trocar experiências umas com as outras, sendo esse um momento muito rico de aprendizados. Com a minoria de mulheres que não pode participar desse momento construímos o mapa durante visita de ATC, para que ninguém deixasse de participar da metodologia.

Após a confecção individual dos desenhos de seus mapas, as agricultoras apresentaram umas para as outras, realizando juntas as reflexões da divisão sexual do trabalho na família, observando quanto trabalho é realizado por elas nos mais diversos subsistemas do agroecossistema e na residência da família. A maioria das agricultoras relatou se surpreender com os resultados observados em seu próprio mapa da sociobiodiversidade, afirmando não fazer ideia da quantidade de atividades desenvolvidas em tantos subsistemas da propriedade familiar. Isso demonstra que as atividades e trabalhos, monetários ou não, realizado pela mulher transcendem o espaço dos quintais e da casa, ou seja, o trabalho da mulher estrutura todo agroecossistema.

The image shows two women, Ivanilde Izaltina de Deus and Nelcina Alves Vieira, holding a large white banner. The banner features several hand-drawn elements: a grid of black lines on the left, a large black outline of a woman's torso, and several green drawings of plants or flowers. There are also four small white stickers with the female symbol (♀) on the banner. The woman on the left is wearing glasses and a pink top, while the woman on the right is wearing a dark top and a necklace. The background is a bright, indoor setting with a white lattice wall.

**Ivanilde Izaltina de Deus
Comunidade Umbiguda e Nelcina Alves Vieira [sem óculos],
Comunidade Riacho, Mirangaba (BA)**

Foto: Manuela Cavadas

Relatos e reflexões sobre a **construção dos mapas da agrobiodiversidade**, com foco na divisão sexual do trabalho

Reconhecimento, descobertas e valorização do papel da mulher dentro do agroecossistema familiar. Estes são alguns resultados obtidos com a descontraída construção dos mapas da agrobiodiversidade pelas agricultoras. Olhando para cada riso e para cada expressão de contentamento das agricultoras, ao ver o quanto produzem e o quanto o seu papel é essencial para geração de renda e segurança alimentar da família, as técnicas e os técnicos das entidades de Assessoramento Técnico Contínuo (ATC) fizeram breves relatos que descrevem a riqueza desse momento.



RELATO I MAPA:

Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPESER)

Através dos mapas da sociobiodiversidade foi possível compreender o olhar que a agricultora tem sobre os espaços e como isso reflete, ou não, as relações entre a família, o território, o bioma, etc. O mapa feito pela agricultora, com orientação da/o técnica/o, identifica os subsistemas onde são protagonistas. A fim de auxiliar no desenho dos mapas por aquelas mulheres que apresentaram dificuldade, nós distribuimos alguns símbolos e figuras (animais, casa, plantas, etc.) para que elas pudessem colar em seu cartaz, adaptando assim a metodologia para que ficasse mais inclusiva.

Realizamos a atividade coletivamente com o núcleo de mulheres por comunidade ou território rural, através de uma reunião. Dessa forma elas puderam trocar experiências umas com as outras, sendo esse um momento muito rico de aprendizados. Após a confecção individual dos desenhos, as agricultoras apresentaram seus mapas e realizaram juntas as reflexões da divisão sexual do trabalho na família, observando quanto trabalho é realizado por elas nos mais diversos subsistemas do agroecossistema e nos espaços de suas casas.

A metodologia pôde cumprir muito bem um papel formativo entre as agricultoras sobre a compreensão de divisão sexual do trabalho, economia familiar e concepção de trabalho monetário e não monetário, pontos muito valiosos para a autonomia dessas mulheres. Além disso, foi um momento de autoconhecimento e valorização do trabalho que desenvolvem, muitas vezes considerado invisível pela própria família agricultora.



RELATO II MAPA:

Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade (SAJUC)

Nas etapas de aplicação da metodologia a alegria contagiou o ambiente e na construção dos mapas não foi diferente. Foi uma verdadeira festa. Para este momento realizou-se uma atividade coletiva em cada território participante da pesquisa, para reflexão na construção dos mapas. Muitas relatavam que

iam voltar a ser crianças, outras diziam que nunca tinham desenhado com canetas coloridas e brincavam com a ideia de desenhar a sua propriedade. Notou-se, a partir dos mapas da sociobiodiversidade e dos relatos das agricultoras destes territórios assessorados, que elas trabalham em todos os subsistemas da propriedade, porém com mais evidência nos quintais, nos espaços domésticos da casa e com os pequenos animais.

Na aplicação desta ferramenta foi possível fazer uma reflexão com os grupos sobre a sobrecarga de trabalho no dia a dia dessas mulheres nas propriedades. Algumas delas relataram que nunca tinham parado para pensar sobre o assunto, que tinham como normalidade o cansaço do dia a dia. Muitas também davam risadas e comentavam que no período da noite ainda conseguiam manter as relações íntimas com os seus respectivos parceiros. Isso dá luz à reflexão acerca da inexistência da divisão dos trabalhos na propriedade, ficando muito na responsabilidade das agricultoras.

Desse diálogo surgiram estratégias das próprias agricultoras de como dividir os trabalhos a partir de então. Sabemos que essas mudanças de prática não serão muito simples, mas que a reflexão das agricultoras sobre o tema já pode ser considerada um avanço. A agricultora Sidnaide da Costa relatou:

“Agora quando ele chegar de viagem, do trabalho, vai fazer a parte dele, a gente se acostuma e nem percebe que vai se acabando de tanto trabalhar dentro de casa”.



RELATO III MAPA:

Associação Regional de Grupos Solidários de Geração de Renda (ARESOL)

A metodologia de construção dos mapas da agrobiodiversidade foi feita com atividades coletivas e individuais. Nessa atividade as mulheres fizeram um breve relato da maneira como estava sendo a experiência com a Caderneta Agroecológica, incentivando as demais a continuarem anotando, além de enxergar a ferramenta como uma companheira do dia a dia.

O momento de construção dos mapas pelas agricultoras foi de bastante troca de saber e descontração. Mesmo as agricultoras relatando que tinham dificuldades para desenhar, cada uma, com seu jeito e detalhes, construíram o mapa, identificando como era a divisão dos trabalhos e os espaços de protagonismo delas. Através da construção do material, algumas relataram não saber, até então, a diversidade que existia no seu quintal/agroecossistema, assim como a importância do trabalho realizado em toda a área produtiva. A construção do mapa deu visibilidade ao trabalho da mulher antes invisível.

Foi um momento maravilhoso de construção, percepção de um mundo invisível. Até aquele momento, a identificação de quem realiza as atividades nos diversos espaços da agrobiodiversidade das famílias foi muito importante, pois foi onde as mulheres perceberam o quanto é injusta a divisão do trabalho e o reconhecimento das atividades realizadas. A agricultora Edivania de Jesus Andrade afirma que as anotações na caderneta vieram para clarear muita coisa no que diz respeito ao seu trabalho com o galinheiro e a horta.

RELATO IV MAPA:

Cooperativa de Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (COFASPI)

Para a elaboração dos mapas, em algumas situações ocorreram visitas individuais e em outras foram momentos coletivos, com duas ou mais mulheres reunidas, de acordo com a disponibilidade delas. Em determinados momentos foi necessário a ajuda de uma filha, sobrinha ou uma vizinha, pois as mulheres tinham dificuldade em descrever a propriedade e em desenhar. Depois sempre fluía mais e a atividade ficava prazerosa, com muita risada e satisfação em ver o resultado.

A partir daí as mulheres perceberam que a quantidade de atividades que executam é muito superior à realizada pelos homens. As atividades domésticas geralmente são de responsabilidade das mulheres, além disso, elas também participam do trabalho no campo. De forma geral, ficou bem evidente que os homens participam pouquíssimo das atividades domésticas.



Agricultora exibindo seu mapa da agrobiodiversidade

mudança significativa em relação a renda, organização e diversidade. Aqui a produção cresceu muito, então a gente passou a comercializar junto à minha família. E as capacitações que tivemos foi muito importante para o cultivo correto e o consumo de produtos saudáveis. Passando para agradecer o governo e nossos colaboradores e que venham muito mais."

Relato da Agricultora Sônia - TR Padre Miguel

"Olá! Meu nome é Sônia, sou do território Padre Miguel. Minha propriedade, aliás, meu paraíso, se encontra na Fazenda Porteiros, que fica localizada no município de Saúde. A atividade feminina na agricultura familiar vem crescendo muito, com o apoio das associações e movimentos sociais. Aqui, depois da implantação dessa Caderneta Agroecológica houve uma



Agricultora exibindo seu mapa da agrobiodiversidade

minha plantação e diversificar meu quintal com a ajuda do meu filho e esposo passamos a organizar as tarefas diárias e a partir daí aumentou minha renda, pois além de deixar de comprar, estou comercializando ainda mais e aumentou a renda da minha casa com alimentação saudável."

Relato da Agricultora Cátia de Jesus - TR Pé de Serra

"Meu nome é Cátia de Jesus, moro na comunidade de Dionísia, município de Mirangaba, território Pé de Serra. Sou participante da CA, a metodologia mudou minha vida, passei a valorizar minha produção e a melhorar a renda e a melhorar a alimentação da minha família. Aumentou mais minha produção por conta da caderneta, passei a valorizar mais a



Registro da agricultora durante a anotação diária na caderneta agroecológica

minha plantação e diversificar meu quintal com a ajuda do meu filho e esposo passamos a organizar as tarefas diárias e a partir daí aumentou minha renda, pois além de deixar de comprar, estou comercializando ainda mais e aumentou a renda da minha casa com alimentação saudável."

Relato da Agricultora Josefa Santiago - TR Paraíso

"Meu nome é Josefa Santiago, moro no assentamento Vila Nova, município de Orolândia Bahia, território Paraíso, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina. Participo da Caderneta Agroecológica, que veio para mudar minha vida, passei a valorizar mais o meu quintal porque é do meu quintal que retiro frutas e verduras naturais para alimentação da minha

RELATO V MAPA:

Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC)

69

A ferramenta agroecológica foi apresentada com todos os grupos de Interesse dos Territórios: Reviver Semiárido, Pro-Sucesso, Quatro Irmãs, Velho Chico, Brilho do Sol e Esperança do Sertão. Assim como a escolha foi mediante afinidade. Durante a sensibilização, as próprias agricultoras que se despertaram com a metodologia aplicada optaram por adotar a Caderneta.

A etapa de construção do mapa foi feita na Roda de Aprendizagem realizada com todas as mulheres que recebem a Caderneta Agroecológica. No mapa elas puderam identificar a divisão de trabalho dentro do agroecossistema. Para tanto, usaram os símbolos do sexo feminino e masculino para identificar onde cada um/a mais se dedica ao trabalho. Depois foi feita a avaliação e apresentação dos mapas construídos durante a reunião.

Essa metodologia vai além de princípios de produção, melhora o desenvolvimento e bem-estar das mulheres, como a agricultora Maria do Carmo, cita timidamente: “Eu não sei desenhar... a partir desse mapa eu percebi que o lugar que eu mais me dedico é perto da casa né, meu marido ele vai mais para a roça...”. E com o incentivo e ajuda de todas, Maria até conseguiu apresentar seu desenho durante a Roda de Aprendizagem.

A agricultora Maria da Conceição Moura Dias também relatou sua experiência com a anotação na caderneta: “No fim do dia se eu comer tomate, uva, ovos, feijão, tudo vai para a caderneta. Dia de coleta, as meninas vêm na minha casa e calculam o total, aí a gente vê quanto gastaria se fosse comprando. Isso é bom demais, nunca precisei comprar nada, sempre a gente tem aqui no quintal, mas agora o que eu valorizo mesmo é o que eu como mais minha família”.

Outro relato interessante é da agricultora Joelma Gonçalves Araújo: “Eu como agricultora familiar trabalho na minha propriedade. Eu antes da caderneta não sabia o que eu gastava, o que eu vendia. Me sentia uma mulher sem autoestima e foi através da Coopercuc, pelo projeto Pró-Semiárido, que eu conheci essa Caderneta Agroecológica e passei anotar tudo que eu consumo, vendo, o que faço de doação. Quando chego no final do mês, eu tenho noção da renda e descobri o que deixei de gastar... agora eu me sinto muito importante, participei de muitos eventos a partir dessa caderneta... E também passei minha experiência de vida e hoje sou uma guardiã da agrobiodiversidade... eu tenho na minha propriedade vários produtos e na parceria com a Coopercuc eu vendo para o PNAE”.

Já a agricultora Tânia Maria Menezes Baldonio, de 52 anos, da comunidade Curundundum ressalta a importância da caderneta para controle da produção: “Com o uso da caderneta mudou para melhor minha vida, pois agora tudo o que eu colho eu sei que tem um valor, além de ver o lucro que tenho com venda. Porque antes não tinha noção da importância da minha produção e não parava pra pensar que meu trabalho no cultivo, produção até a venda. Está valorizando nosso trabalho, que vivemos no meio rural”.

RELATO VI MAPA:**Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP)**

O trabalho realizado com a construção do mapa do agroecossistema, em especial dos espaços e subsistemas que a mulher trabalha, permite e reforça a possibilidade de dar luz ao trabalho feminino, que tradicionalmente é subjogado e considerado muitas vezes apenas como ajuda ao trabalho do homem.

Os mapas possibilitam que as mulheres demonstrem a real importância do trabalho no agroecossistema, mostrando que existe trabalho feminino em todos os subsistemas, o que gera valor quanto a mercadorias vendidas, ou seja, na forma de produtos para o autoconsumo, sem falar na alimentação das relações de reciprocidade muito frequentes também no meio rural, e vinculadas ao hábito das mulheres de solidariedade e espírito de mãe, sempre preocupada com seu semelhante.

São ainda ferramentas que promovem a reflexão por parte de quem está construindo esses produtos, pensar dimensões, tamanhos, formas, cores, etc. Possibilita atribuir importância e momentos de reflexão da ação e cotidiano da mulher. As ferramentas participativas também possibilitam o diálogo entre as mulheres, ultrapassando os muros das residências e fortalecendo a luta das mulheres numa maior amplitude.

RELATO VII MAPA:**Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS**

A construção dos mapas da agrobiodiversidade do agroecossistema familiar realizada pelas mulheres agricultoras durante o mês de outubro de 2019 cumpriu com seu objetivo de autoreconhecimento do agroecossistema, entendido como o lugar de trabalho/autonomia das agricultoras. A mulher agricultora trabalha em todo o agroecossistema, mas por meio da construção dos mapas foi possível colocar luz nos lugares em que elas constroem sua autonomia a partir do seu próprio trabalho e perceber como nesses lugares elas produzem conhecimentos, bens agrícolas e bens culturais.

Os mapas da agrobiodiversidade foram construídos pelas mulheres agricultoras de forma individual, através das visitas. Foram apresentados para as mulheres exemplos de mapas e disponibilizados materiais (cartolina, canetinha, lápis de cor, giz de cera, entre outros), nos quais elas retrataram os subsistemas, formando o agroecossistema e dando destaque a suas áreas de atuação (casa, horta, pomar, aviário, roçado, plantas medicinais, entre outros).

Após concluída a confecção dos mapas, foram colocadas nos subsistemas identificação da atuação de cada um (homem/mulher). Em seguida houve uma reflexão sobre a atuação das mesmas dentro do agroecossistema, avaliando o quantitativo de atribuições produtivas e reprodutivas de responsabilidade delas.



Mapa do agroecossistema da agricultora Rosimeire de Souza, território rural Núcleo produtivo AMAPIBA, Filadélfia/BA



RELATO VIII MAPA:

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA)

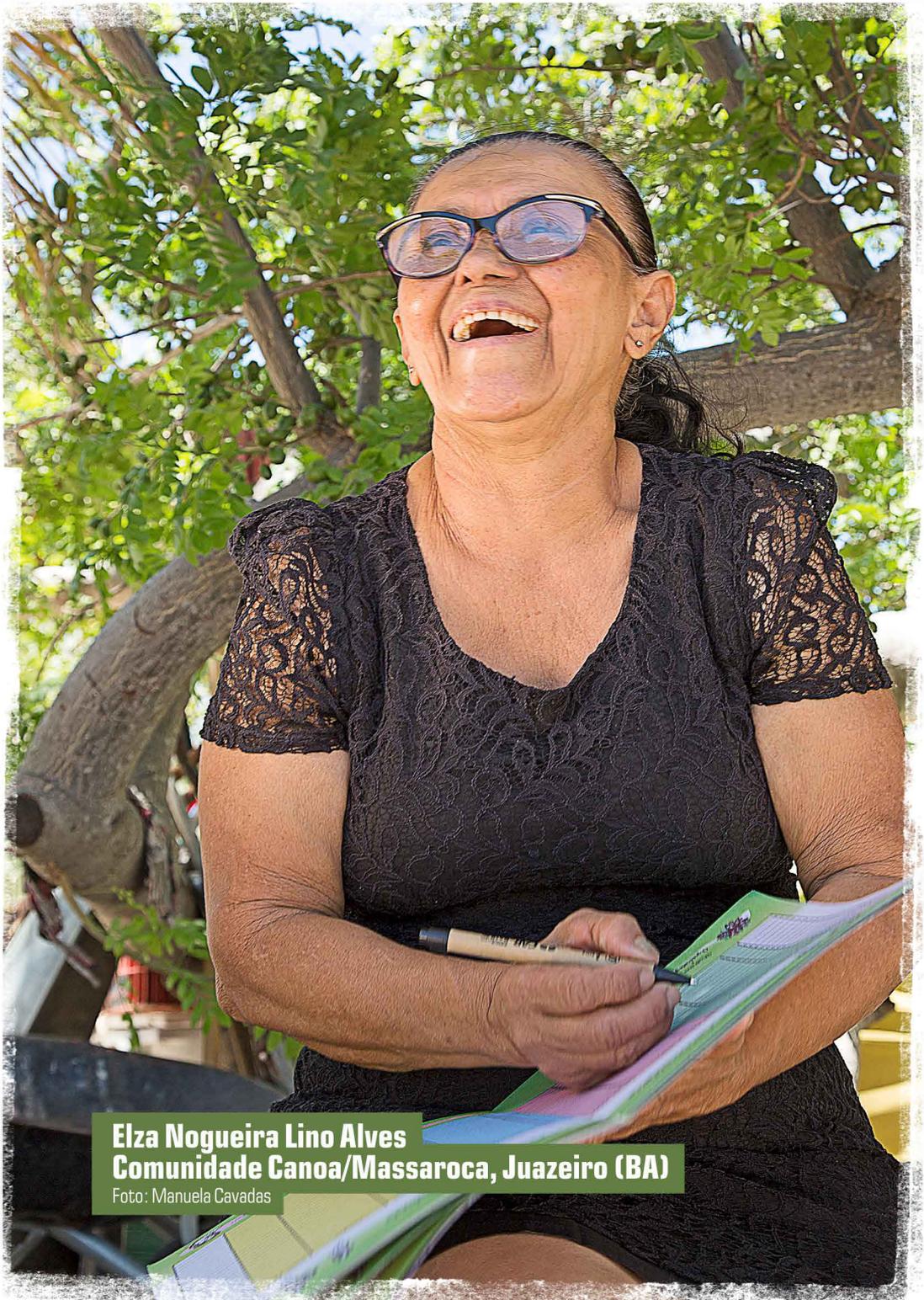
A construção dos Mapas da Agrobiodiversidade se deu através de visitas individuais às agricultoras assessoradas. Anteriormente, a construção dos mapas foi realizada uma caminhada transversal na propriedade onde foram identificadas as atividades que as mulheres desempenham em cada um dos agroecossistemas.

Um desafio encontrado nesta etapa foi a timidez de algumas mulheres, que afirmavam não saber desenhar. Diante disso, envolvemos as crianças na atividade, esta fluiu de forma mais leve. A partir da construção dos mapas, as agricultoras passaram a refletir sobre a importância do seu trabalho dentro da unidade familiar e vislumbraram a diversidade de produtos que existem nos espaços dominados por elas. Reflexão realizada de forma coletiva, permitindo que outros membros da família, especialmente os filhos, participassem da discussão.

Diante de todo este trabalho temos falas importantes como a da agricultora Lúcia Simões da Comunidade de Gangorra II em Juazeiro-BA, que diz: “A caderneta fortalece muito o trabalho da mulher, antes eu achava que só fazia o trabalho doméstico, as obrigações... E não via que as coisas que a gente fazia gerava renda e alimento pra família. Porque se estamos produzindo, estamos deixando de comprar fora!”.

A agricultora Irailza Vieira Pinto de 51 anos, residente na comunidade de Alvaçã, pertencente ao TR Pau Ferro e Sobrevivência, município de Campo Formoso, nos concedeu o seguinte depoimento sobre o impacto da caderneta na sua vida: “A gente se valoriza mais e começa a ver que é capaz também de muitas coisas sem depender dos homens. Antigamente a gente achava que uma mulher sozinha não podia sobreviver, que era muito difícil, agora vejo que a gente também pode, estou me sentindo mais forte, mais emperderada”.

Outro importante depoimento é de Maria Silvani, do TR Flor da Caatinga, sobre as cadernetas ela afirma: “No momento que a caderneta chegou e que foi anotada deu visibilidade para aquilo que toda mulher sertaneja está acostumada a fazer, só que muitas mulheres dizem: eu não faço nada, só tomo conta da casa, meu marido é quem trabalha, mas toda mulher gera alguma renda. Então, essa caderneta chegou para nós para dar uma visão ao nosso trabalho, para ajudar muitas mulheres. Nós estamos aprendendo a viver a caderneta, porque ela não é só anotação. É uma forma de viver. Com ela a gente aprende e abre os olhos para ver o tanto de coisa que a gente faz!”



Elza Nogueira Lino Alves
Comunidade Canoa/Massaroca, Juazeiro (BA)

Foto: Manuela Cavadas

Capítulo III

VAMOS FALAR
DAS ANOTAÇÕES DAS
CADERNETAS?



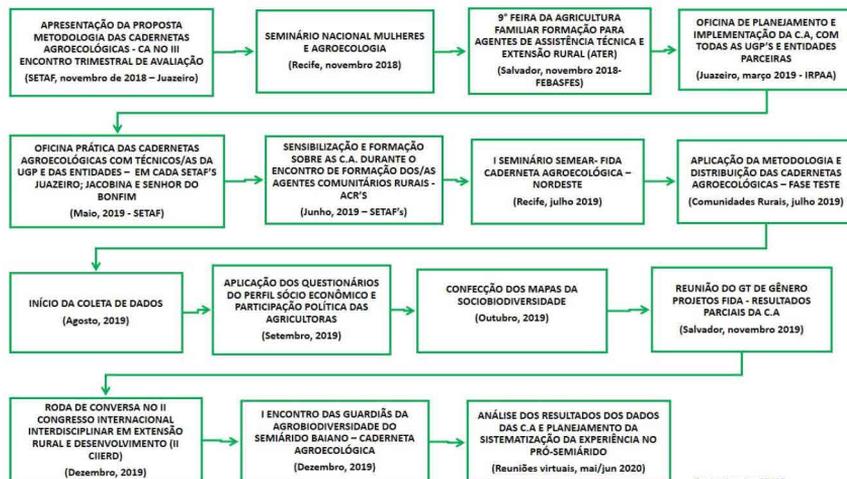
O, QUE OS NÚMEROS REVELAM?

Por Telma Sueli e Silva de Magalhães e Ana Elizabeth Siqueira

Neste capítulo vamos apresentar o trajeto percorrido pelo Pró-Semiárido desde novembro de 2018, quando foi iniciado o processo de sensibilização e apresentação da Caderneta Agroecológica (CA), como estratégia de ação de gênero a ser utilizada, bem como apresentar os principais resultados revelados na pesquisa promovida pelo Semear Internacional com análise dos dados das CA, que envolveu os projetos apoiados pelo Fida, no período de setembro de 2019 a setembro de 2020.

Destacamos que as guardiãs da agrobiodiversidade acompanhadas pelo Pró-Semiárido começaram a anotar na CA em agosto de 2019. É importante reforçar que o projeto promoveu um processo mais profundo de sensibilização e formação sobre a ferramenta caderneta com as equipes das entidades de Assessoramento Técnico Contínuo (ATC) parceiras. Vale salientar que as técnicas e técnicos envolvidos assumiram o compromisso de socializar e multiplicar esse aprendizado dentro de suas entidades. Também participaram das formações os/as jovens Agentes Comunitários/as Rurais - ACRs, que com as técnicas e técnicos orientam as mulheres agricultoras na anotação diária de sua produção.

O fluxograma cronológico abaixo (Figura 1) apresenta as principais atividades estratégicas de formação da equipe técnica para aplicação da Caderneta:



Fonte: Arquivo SAIUC



Técnicas do Pró-Semiárido vestidas para mística de abertura do I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano - Foto: Manuela Cavadas

O processo de formação continuada foi um dos elementos fundamentais para o sucesso da implementação e utilização desse instrumento metodológico na área de abrangência do Pró-Semiárido. Neste capítulo vamos ter oportunidade de conferir esses resultados, através das análises geradas a partir das anotações das Cadernetas Agroecológicas, da sistematização dos Questionários de Caracterização Socioeconômica (QCS) e do cruzamento entre ambas as fontes de informação.

Ressaltamos que os dados e as análises que vamos partilhar são fruto dos produtos apresentados pela consultora Liliam Telles ao Semear Internacional, principalmente o produto 08 intitulado: “Documento contendo relatório analítico do uso das Cadernetas Agroecológicas, incluindo os meses de julho, agosto e setembro de 2020”.

Para a sistematização dos dados das Cadernetas Agroecológicas no Pró-Semiárido foi adotada uma divisão de funções e responsabilidades. As equipes de campo, que realizam a Assessoria Técnica Continuada (ATC), diretamente às agricultoras, realizaram a coleta das informações mensalmente e alimentaram na planilha em Excel. Estas planilhas foram encaminhadas para Telma Magalhães, técnica em desenvolvimento produtivo do Projeto, que pré-sistematizava e enviava à equipe de sistematização contratada. Aos(as) Agentes Comunitários (as) Rurais (ACRs) ficou a função de acompanhar, animar e monitorar o preenchimento das Cadernetas Agroecológicas, assim como demais atividades propostas na metodologia.

As Cadernetas Agroecológicas foram distribuídas nos territórios rurais para todas as mulheres que demonstraram interesse, porém as cadernetas preenchidas com mais assiduidade foram escolhidas para compor um grupo focal de pesquisa.

A woman with long dark hair, wearing a white lace-trimmed top and blue jeans, is kneeling in a vibrant garden. She is smiling and looking towards the camera while tending to a yellow flower in a pot. The garden is filled with various plants, including ferns, succulents, and flowering plants in different colored pots. A large green bush with red flowers is visible in the foreground on the left. The background is a dark, textured wall covered in climbing plants.

Valdecir Fernandes de Almeida
Comunidade Mucambo da Serra, Miguel Calmon (BA)

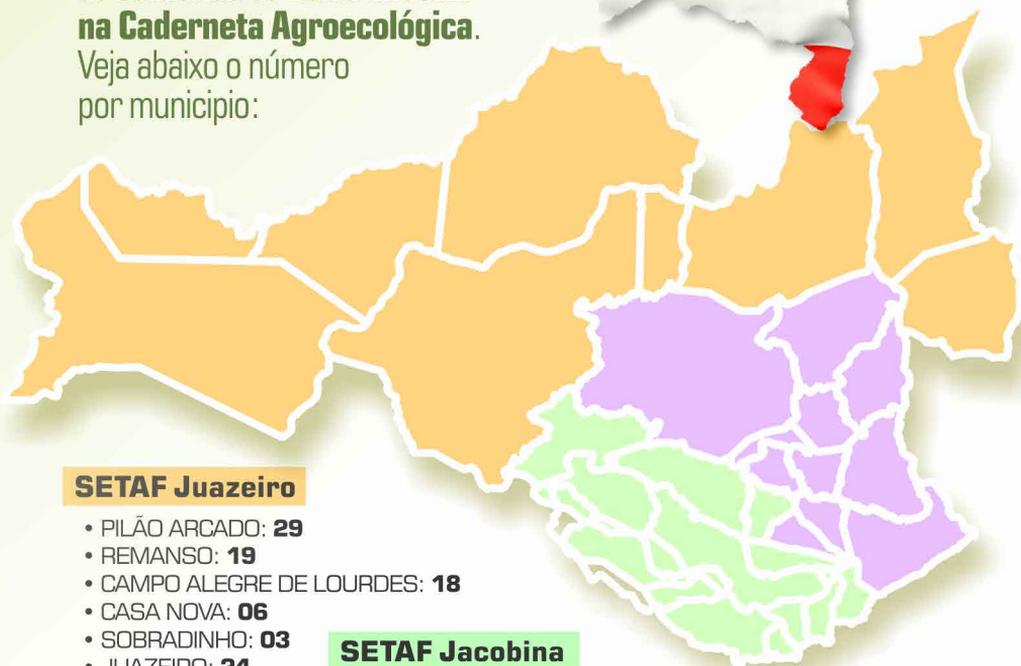
Foto: Manuela Cavadas

ESTADO / BAHIA

370 agricultoras de 32 municípios do semiárido da Bahia anotam na Caderneta Agroecológica.

Veja abaixo o número por município:

77



SETAF Juazeiro

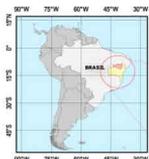
- PILÃO ARCADE: **29**
- REMANSO: **19**
- CAMPO ALEGRE DE LOURDES: **18**
- CASA NOVA: **06**
- SOBRADINHO: **03**
- JUAZEIRO: **24**
- CURAÇA: **05**
- UAUÁ: **09**

SETAF Jacobina

- UMBURANAS: **10**
- OUROLÂNDIA: **20**
- VÁRZEA NOVA: **08**
- MIRANGABA: **12**
- MIGUEL CALMON: **12**
- JACOBINA: **16**
- CAÉM: **08**
- SAÚDE: **15**
- CAPIM GROSSO: **14**
- QUIXABEIRA: **20**
- SERROLÂNDIA: **06**

SETAF Senhor do Bonfim

- CAMPO FORMOSO: **23**
- JAGUARI: **07**
- ANDORINHA: **03**
- ANTÔNIO GONÇALVES: **04**
- SENHOR DO BONFIM: **06**
- FILADÉLFIA: **14**
- PINDOBACU: **07**
- ITIÚBA: **11**
- PONTO NOVO: **07**
- QUEIMADAS: **12**
- CALDEIRAÃO GRANDE: **11**



Os Serviços Territoriais de Apoio à Agricultura Familiar - SETAFs são unidades territoriais descentralizadas de representação da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) da Bahia, cuja finalidade é desconcentrar, descentralizar, articular e implementar programas, projetos, ações e políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural.

Antes de entrarmos nos valores monetários da produção das agricultoras, precisamos reafirmar o potencial transformador das cadernetas, que possibilitam refletir a necessidade de estimular as relações de troca e doação no nível comunitário. É importante manter o fortalecimento dos tecidos sociais nas comunidades rurais, pois essas relações de trocas e doações estimulam a solidariedade e a reciprocidade entre as mulheres e suas famílias e possibilitam o acesso a bens e serviços que elas não poderiam adquirir no mercado, fortalecendo sua segurança e soberania alimentar.

370
GUARDIÃS DA
AGROBIODIVERSIDADE
ENVOLVIDAS



304
QUESTIONÁRIOS
DE CARACTERIZAÇÃO
SOCIOECONÔMICA
APLICADOS

13 MESES DE
ANOTAÇÃO

374

MAPAS DA
SOCIOBIODIVERSIDADER\$ 1.230.201,64
VALOR TOTAL DAS ANOTAÇÕES
DE VENDA, TROCA, DOAÇÃO
E CONSUMO

749

TIPOS DE
PRODUTOS REGISTRADOS
NAS CADERNETAS

As Cadernetas Agroecológicas se apresentam como um instrumento político pedagógico de empoderamento feminino, com grande adesão das agricultoras pela fácil utilização, sendo possível gerar dados qualificados no campo do monitoramento e avaliação, incorporando a abordagem de gênero, de forma a contribuir com um dos objetivos do projeto Pró-Semiárido, que é superar a pobreza e as desigualdades de gênero no semiárido baiano.

Ao longo de todo o período, 370 agricultoras acompanhadas pelo projeto Pró-Semiárido somaram R\$ 1.230.201,64 produzidos por elas em atividades geralmente desvalorizadas ou descon sideradas nas análises econômicas convencionais. O resultado da sistematização mostra que, quanto maior a diversificação produtiva das mulheres, maior é sua produção econômica.

É impressionante constatar a contribuição das mulheres agricultoras para a conservação da sociobiodiversidade e para a segurança alimentar e nutricional. São 749 tipos de produtos registrados nas cadernetas, sendo que os alimentos de origem vegetal representam aproximadamente 30% do total. Os demais 70% são compostos de produtos de origem animal, plantas e preparos medicinais, artesanato, alimentos beneficiados, serviços, mudas e sementes e apontaram a enorme diversidade biológica, de base agroecológica, da produção das mulheres agricultoras.

Nos meses de fevereiro e setembro de 2020, o valor médio da produção foi de R\$ 554,79 e R\$ 598,47, respectivamente. Observamos que nesses dois meses houve um aumento do número de dados recebidos pelo projeto Pró-Semiárido, o que pode ser explicado pelo tipo de produto comercializado pelas agricultoras, variações sazonais da produção, extrativismo, questões climáticas, bem como pela frequência de anotações.

A variação nos valores pode ser explicada também pela ausência da equipe técnica de ATC no campo, por conta da pandemia provocada pelo novo coronavírus, levando à variabilidade dentre as anotações, quando algumas agricultoras deixaram de registrar. Isso também revela a importância de ter um Assessoramento Técnico Contínuo (ATC), com profissionais qualificados e formação interdisciplinar, para desconstruir a visão tradicional da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) convencional de um sistema difusionista de conhecimentos e práticas pré-estabelecidas.

Vale ressaltar que, dos 13 meses que, compreendem o período da pesquisa, sete meses de anotações tiveram influência da crise econômica, que se aprofundou com a pandemia da Covid-19. As agricultoras têm adotado o isolamento social como ferramenta fundamental para evitar o avanço da doença. Contudo, isto reduz drasticamente o acesso às fontes de renda, em função da dificuldade de receber compradores e de se deslocar em circuitos curtos de comercialização, aliado ao fechamento de mercados e feiras. Além disso, mesmo a produção destinada ao autoconsumo e a segurança e soberania alimentar está sendo impactada, considerando que as agricultoras possuem hábitos de trabalho coletivo, que neste momento estão sendo evitados.

Revelações além dos números: Um breve mergulho sobre os achados da APPJ

Como já foi dito anteriormente, esta metodologia da CA possibilitou ao Projeto, junto com as 10 entidades parceiras executoras do serviço de ATC, um mergulho mais profundo sobre todos os processos metodológicos e os resultados revelados. A percepção construída individual e coletivamente pelos/as técnicos/as de campo de fatores que interferem diretamente no planejamento da produção, como pragas, alterações climáticas ou mesmo doenças na família da agricultora, possibilitou a qualificação de suas estratégias de intervenção junto aos agroecossistemas das agricultoras que utilizam as cadernetas.

As entidades não se restringiram apenas a aplicar as cadernetas, elas foram além. Aqui vamos revelar o caso da Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba - APPJ, que através de um de seus técnicos, o engenheiro agrônomo Josuel Victor Ribeiro Mota, elaborou uma planilha em Excel avançado, que proporcionou um mergulho nos dados relacionados à pesquisa sobre a área de atuação da APPJ, que permitiu a análise específica, com o cruzamento dos dados de produção, a respeito das características socioeconômicas e demográficas, como cor, tamanho da propriedade, características das famílias, fontes de captação de água, acesso a mercados e políticas públicas, dentre outros, no âmbito de atuação da entidade.

Abaixo a planilha elaborada pelo Josuel Mota (na época engenheiro agrônomo da APPJ)





**Maria Neide - Sítio Proeza
Município de Casa Nova**

“Minha Caderneta Agroecológica veio me incentivar a eu plantar a minha horta, para que meu consumo seja esses produtos orgânicos, sem agrotóxicos, que veio me trazer uma criatividade para que eu possa me incentivar cada vez mais a plantar, pois eu estou tendo uma alimentação saudável, eu já estou tendo plantas medicinais, e isso vem me trazendo uma coisa bem saudável, vem também me deixando aquela pessoa feliz, que eu estou fazendo aquela coisa que tanto eu desejava, tipo de como eu estou realizando um sonho, por que era o meu sonho ter uma cisterna de produção para que eu pudesse ter meus canteiros, para que eu tivesse minhas hortaliças, para que eu tivesse os meus produtos orgânicos para mim ter minha alimentação boa, mas não só para mim, eu compartilho também as minhas hortas, plantas e frutas com os meus vizinhos, eu vendo, isso para mim está me deixando mais feliz de conseguir uma coisa dessa, A Caderneta Agroecológica está me ensinando bastante, para que eu possa conseguir algo que antes eu não tinha.”

Ao observar, na planilha podemos imergir parcialmente nos dados dos questionários e colher o perfil dessas mulheres e outras informações importantes. Foram sistematizadas pela APPJ, em média, 41 cadernetas diferentes distribuídas entre os municípios de Capim Grosso, Quixabeira, Miguel Calmon e Serrolândia, durante 13 meses de anotações realizadas pelas agricultoras por eles acompanhadas. Em relação à identidade sociocultural, essas mulheres se identificam da seguinte forma: 72 % agricultora familiar, 26 % quilombola e 2% assentada da reforma agrária.

Com relação à escolaridade, 59,26% têm o ensino fundamental incompleto, 56% das agricultoras são casadas e 28% estão em união estável. Outra informação importante que o mergulho nos trouxe é que 85% das agricultoras são proprietárias das áreas dos agroecossistemas por elas trabalhados.



As agricultoras entrevistadas pela APPJ que responderam ao questionário se autoatribuem, com relação a identificação étnica, da seguinte maneira: 48,05% das mulheres se declararam pardas, 40,26% preta, 9,09% brancas e 2,60% amarelas.

Ainda de acordo com os dados analisados, todas as agricultoras assessoradas pela APPJ possuem filhos. As mulheres negras têm em média 3,2 filhos, as pardas 2,8 e as brancas 2,7. Esta é uma questão importante que poderia dar indicativos para analisar o impacto que o trabalho de cuidados poderia ter sobre a produção econômica das agricultoras, assim como os impactos do trabalho doméstico, pois existe uma rotina com maior sobrecarga com os cuidados com os filhos e atividades domésticas, portanto, menos tempo para o trabalho produtivo.

Quanto à declaração de Aptidão ao Pronaf - DAP⁵³, instrumento utilizado para identificar e qualificar as Unidades Familiares de Produção Agrária - UFPA⁵⁴ e suas formas associativas organizadas em pessoas jurídicas, o questionário apontou que 85% das mulheres possuem acesso a DAP e 15% não.

Sobre as formas de comercialização, 36% das agricultoras declararam comercializar os produtos em casa, ou seja, nas próprias comunidades rurais. A maioria das mulheres comercializa em casa, em feiras convencionais, na própria comunidade (porta a porta) e em cooperativas.

⁵³ Não foi estimado se esse acesso se deu a partir da DAP Mulher (DAP Acessória - que devem estar vinculada a uma DAP Principal) ou da DAP emitida para mulher Titular 1 ou Titular 2 (DAP Principal), na condição de responsável pela gestão do estabelecimento (Titular 1) ou esposa, companheira, viúva de um dos titulares (Titular 2).

⁵⁴ Cada UFPA deve ter apenas uma única DAP principal ativa, onde a partir da união estável ou casamento civil, a DAP deve obrigatoriamente identificar cada um dos responsáveis pela Unidade Familiar de Produção Agrária, sem hierarquização nessa titularidade.

Participação Social

83

As relações de poder que envolvem a mulher na agricultura familiar são evidenciadas na participação dela em organização social, onde observamos que 39 mulheres participam em associações, 32 em sindicatos, 36 em igrejas, 11 em cooperativas, 7 em movimento de mulheres, 2 em rede e 1 em segurança alimentar e nutricional.

Quanto ao acesso a políticas públicas, 54 mulheres acessam ou já acessaram a ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural, 41 o Programa Bolsa-Família, 36 a cisterna 1ª água, 35 a cisterna 2ª água, 30 programa Garantia Safra, 25 o Pronaf, 21 salário maternidade, 12 aposentadoria rural, 5 PNAE e 5 Previdência Social.

Nesse contexto, é de extrema importância que políticas públicas sejam criadas e ampliadas, para minimizar um dos indicadores da maior desigualdade de gênero na área rural: a dificuldade da mulher em se tornar economicamente ativa.

Observa-se, na pesquisa, que a maior parte dos valores reportados dizem respeito à venda dos produtos (66,54%), seguido dos valores referentes ao consumo (26,44%), doação (6,75%) e, com menor participação, produtos trocados (0,27%).



Esta relação pode ser explicada pelo fato de que as agricultoras - e toda a sociedade - acabam valorizando mais a produção para comercialização, que corresponde a fonte de renda monetária importante para as famílias. Observou-se que a prática de anotar os produtos vendidos é comum na rotina de algumas agricultoras, para manter o controle dos fluxos de entrada e saída monetárias na gestão da economia familiar.





**Mercejane Duarte de Almeida (filha)
e Aline Duarte de Almeida (mãe):
Comunidade Caraíbas, Umburanas (BA)**

Foto: Manuela Cavadas

Capítulo IV

**LEGADO:
O QUE COLHEMOS?**



A contribuição da Caderneta Agroecológica para o desenvolvimento das ações do Pró-Semiárido enquanto metodologia transversal de trabalho

Por Célia Hissae Watanabe⁵⁵

É inegável que as mulheres possuem um olhar diferenciado sobre os espaços rurais, uma visão ampliada no tocante ao lugar onde vivem, trabalham e compartilham suas trajetórias. Preocupadas com o bem-estar de suas famílias e comunidades, são elas que buscam proporcionar mesa farta e com itens de qualidade, sempre cuidadas com a segurança alimentar e nutricional. Comumente organizam seus quintais, lugar de trabalho com diversificação de cultivos (hortaliças, frutas, condimentos, fitoterápicos, flores e outros), de criação de pequenos animais. É também lugar de sociabilização, de expressão da cultura e do lazer. Para além dessa atividade, trabalham juntamente com outros membros da família nas demais atividades da unidade produtiva. O dia parece nunca acabar.

Trabalhar e viver no mesmo lugar quase sempre implica uma jornada excessiva para as mulheres ao serem demandadas a cuidar da casa, da família e das atividades produtivas. Essas dimensões se confundem e se esbarram, no dizer de Schefler (2007), nas dificuldades pertinentes ao gênero, pois refletem as condicionantes da estrutura patriarcal, cujas relações “constrangem o desenvolvimento pleno das mulheres e obstaculizam a sua cidadania”.⁵⁶



⁵⁵ Diretora Superintendente da Bahiater. Mestre em Gestão de Políticas Públicas (FUNDAJ/UFPE), Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Raça e Gênero, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (UFBA/FFCI/NEIM), Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Raça e Gênero, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (UFMG).

⁵⁶ SCHEFLER, M. L. N. O trabalho da Mulher na Agricultura Familiar. In: LIMA, M. E. B.; COSTA, A. A. A.; COSTA, A.; ÁVILA, M. B. e SOARES, V. L. (Orgs). *Transformando as relações Trabalho e Cidadania: produção, reprodução e sexualidade*. SNMT/CUT Brasil, NEIM/UFBA, SOS Corpo, Fundação Carlos Chagas. São Paulo: CUT, 2007. p. 1-205. HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniele. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. 2007. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010015742007000300005&lng=pt&nrm=iso&tling=pt

Prevalece a divisão sexual do trabalho, em que as diferenças indicam desigualdades sistemáticas e refletem processos que a sociedade utiliza para hierarquizar atividades segundo os sexos e separar o que é trabalho de homem e trabalho de mulher (HIRATA e KERGOAT, 2007)⁵⁷. Nesse contexto, incide sobre eles o papel de provedor e sobre elas o trabalho doméstico, com todas as suas implicações, ao serem responsabilizadas por aquilo que é desvalorizado, estigmatizado e por muitas vezes visto como uma obrigação. Uma vez imperceptível, a riqueza do que é produzido nos quintais não é vista na dimensão do trabalho e renda. É, para muitos, apenas a extensão do trabalho doméstico, realizado nas “horas livres”.

Criada com base nessas constatações, a Caderneta Agroecológica é uma importante metodologia de valorização do trabalho das mulheres rurais com o fito de potencializar a atuação da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). Com esse pensar, o projeto Pró-Semiárido da Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional (CAR), em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), adotou-a e já em seu primeiro ano de caminhada apresenta avanços na vida das mulheres, conforme dados sistematizados e analisados nesta publicação. A Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiatel) também adotou a caderneta na modalidade ATER Mulheres Rurais, que se encontra em fase inicial de execução e é resultante de uma chamada pública para atendimento específico de mulheres, com vistas ao fortalecimento de suas capacidades produtivas e organizativas na perspectiva da transição agroecológica.

As principais lições aprendidas

Em seu caráter pedagógico, as cadernetas favorecem o entendimento dos tipos de renda que passam a ser contabilizados pelas mulheres, a partir da anotação de sua produção e respectivos destinos, dando visibilidade ao trabalho. Comparativamente à renda das demais atividades desenvolvidas por outros membros da família, o reiterar dessa prática contribuirá para a desconstrução da ideia do provedor único do sexo masculino. A renda oriunda de seu trabalho reforça o papel de provedora ou coprovedora de bens e satisfação das necessidades comuns. É o reconhecimento do valor econômico da produção das mulheres, passo fundamental para a conquista da autonomia financeira e consequente elevação da autoestima. Sinaliza, na prática, um “deixar de trabalhar para os outros”, não ser apenas ajudante para protagonizar plenamente sua identidade de trabalhadora.

A organização das informações de produção provoca a participação das mulheres nos processos decisórios e no compartilhamento da gestão econômica da unidade produtiva familiar. As Cadernetas Agroecológicas também auxiliam no planejamento das ações futuras, na organização dos ciclos produtivos, nas múltiplas tarefas que um agroecossistema diversificado requer, garantindo renda o ano todo, ao considerar os tipos de cultivo e a sazonalidade. Não obstante, é grande a contribuição das mulheres para a transição agroecológica, considerando a intensa vivência de seus princípios, para além daqueles relacionados aos aspectos agrônômicos e ambientais, que influenciam também nas questões éticas, sociais e políticas. Persistir na organização dos espaços participativos e democráticos e buscar incessantemente a construção de relações igualitárias têm sido uma constante na luta das mulheres rurais.

⁵⁷ HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniele. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. 2007. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010015742007000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

As cadernetas, ao trazerem em evidência o resultado do trabalho produtivo das mulheres, suscitam a necessidade de pautar o diálogo sobre a divisão do trabalho doméstico. Se, conforme as cadernetas, o trabalho nos quintais produtivos passa a ser mais valorizado ao contribuir com a segurança alimentar e nutricional da família e da comunidade, uma mudança esperada é a reorganização das tarefas domésticas, uma vez que possibilita um melhor planejamento do tempo e abre espaços para ela mesma, para o lazer, para sonhar um sonho seu e não apenas para os outros, a exemplo de filhos e filhas.

Uma ação afirmativa em uma política pública, como é o caso das Cadernetas Agroecológicas na ATER, sinaliza para a importância da ampliação da relação entre Estado e Sociedade. Uma vez construída na sociedade civil, sua execução por programas do Estado tem um alcance ampliado e o reiterar de sua aplicação poderá incidir em mudanças significativas nas relações sociais de gênero no campo.

Essa caminhada é permanente e a contribuição do projeto Pró-Semiárido e seus parceiros na vida de 9.091 mulheres diretamente atendidas⁵⁸, têm efeito multiplicador, uma vez que ‘toca o coração’ das outras mulheres da comunidade, semeia um vasto campo a ser cultivado e favorece uma colheita promissora para as mais jovens e para as crianças, na perspectiva de um mundo rural muito melhor de se viver.



I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano - Foto: Manuela Cavadas

⁵⁸ Dentre as mulheres atendidas pelo Projeto Pró-Semiárido, 370 participaram dessa primeira experiência das cadernetas agroecológicas. HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniele. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. 2007. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010015742007000300005&lng=pt&nrm=iso&tng=pt



Aurelinda de Jesus da Silva
Comunidade Baixinha, Antônio Gonçalves (BA)

Foto: Manuela Cavadas

Aurelinda



A contribuição da Caderneta Agroecológica para o desenvolvimento das ações do Pró-Semiárido enquanto metodologia transversal de gênero

Por **Hardi Vieira**⁵⁹

As Cadernetas Agroecológicas (CA) ganharam destaque nos projetos FIDA financiados no Brasil como parte da estratégia de gênero e de permitir que os investimentos produtivos tivessem uma abordagem mais feminista. Isso foi fruto direto da intervenção e experiência das CA aplicadas pelo projeto Pró-Semiárido (PSA), que foi precursor na adoção da ferramenta metodológica entre os projetos FIDA no Brasil e serviu como base e referência para ampliar a implementação das cadernetas no Nordeste do Brasil. Essa experiência agora está sendo levada a outros países, como no desenho de projetos FIDA na Argentina.

Neste contexto, é importante salientar que o Pró-Semiárido tem servido de exemplo na temática de gênero para o FIDA não somente no Brasil, mas no mundo, entre mais de 300 projetos em implementação. O projeto superou a tradicional visão de gênero de forma puramente transversal, já que isso muitas vezes traz invisibilidade nas ações com mulheres. De fato, a questão de gênero no PSA, além de ser transversal, é muito mais, pois tem orçamento específico, linhas de ação dedicadas e atividades delimitadas, além de contar com uma especialista qualificada no quadro de pessoal do projeto. Isso faz com que gênero se torne essencial na implementação das ações do PSA e ganhe a visibilidade e autonomia necessárias. Isso é complementado com a contratação de organizações especializadas da sociedade civil.

Cabe salientar a primazia atribuída à construção de uma metodologia de formação dentro de um esquema sequencial com grupos de mulheres no PSA. Foram criados e/ou consolidados 59 grupos de mulheres, o que revela uma forte ênfase na auto-organização como estratégia do projeto na temática de gênero. Os investimentos produtivos no Pró-Semiárido são complementados por instrumentos separados por investimentos socioculturais, o que permite uma ferramenta holística para lidar com gênero.

Sobre as cadernetas de forma específica, a participação de 370 agricultoras de 217 comunidades na ação estratégica das CA fortaleceu sua presença nas ações do PSA, além de ter enfatizado a importância do espaço do quintal o para os processos produtivos. Mas é importante mencionar outros indicadores. De um total de 2.092 pessoas em cargos de liderança nas organizações de base comunitária apoiadas pelo Pró-Semiárido, 995 são mulheres. Outro dado significativo diz respeito à participação de mulheres técnicas nas 10 organizações de assistência técnica contínua (ATC) contratadas pelo PSA: 58 Mulheres e 51 homens. A ação inovadora de “Cirandas e Cirandeiras”, que totalizou 28 formações de cirandeiros/as e 383 cirandas de crianças, tem possibilitado a maior participação das mulheres nas atividades do PSA.

⁵⁹ *Oficial de Programas (CPO) do FIDA no Brasil*

O principal legado das Cadernetas Agroecológicas talvez seja a garantia da participação das mulheres e o reconhecimento de seu trabalho. Parte importante disso são os quintais produtivos, que fornecem uma base importante de renda para as famílias, segurança alimentar e nutricional. Além disso, permitem maior inserção nas redes de comercialização, principalmente por meio de feiras locais. E isso tudo tendo a mulher à frente e em destaque.

A colaboração do PSA e dos outros projetos FIDA para ir além da adoção das CA, para efetuar a sua sistematização, é outro avanço que vale ser reconhecido. Isso foi possibilitado por meio do apoio do Programa Semear Internacional (PSI), um projeto de gestão do conhecimento do FIDA. A sistematização da caderneta permitiu contribuir para o debate mais amplo sobre questões de gênero, além de agregar indicadores e informações específicas sobre a contribuição das mulheres na agricultura familiar.

Um dos temas desse debate e que tem ganhado importância, diz respeito à resposta dada perante a problemática de violência doméstica, que se agravou durante a pandemia da Covid-19. O Pró-Semiárido tem tomado uma ação proativa por meio de eventos articulados com diversas instituições no âmbito territorial, monitorando e tomando medidas específicas com apoio das equipes em campo.

Outro avanço de destaque é o desenvolvimento de metodologias específicas para contabilizar a participação das mulheres nos processos produtivos e com isso a ferramenta LUME, de análise econômica de viabilidade de agrossistemas, adotada pelo PSA, reforçou a primazia das mulheres na agricultura familiar. Hoje o LUME está sendo disseminado para outros projetos FIDA e outros países pelo apoio do Projeto AKSAAM, também de gestão do conhecimento do FIDA e que colabora com a Rede ATER Nordeste.

Outro legado chave das Cadernetas Agroecológicas foi a construção de uma rede ou grupo de gênero dos projetos FIDA, fomentando o diálogo, colaboração e trocas de experiência. Assim, as especialistas que trabalham com a temática gênero fortalecem sua atuação e ganham maior dimensão e incidência nas decisões dos projetos, influenciando diretamente nas políticas públicas.

O FIDA tem muita satisfação de ser um aliado do Pró-Semiárido nesta iniciativa e usará as lições aprendidas com as cadernetas e seu legado para suas futuras intervenções, garantindo, cada vez mais, que as temáticas de gênero e a inclusão das mulheres e de grupos vulneráveis sejam destaque nas suas ações de desenvolvimento.





Mística de Encerramento do I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano, realizado em dezembro de 2019 no município de Senhor do Bonfim

Foto: Manuela Cavadas

Capítulo V

**O NOVO
SEMPRE VEM:**
PERSPECTIVAS PARA
O FUTURO



O QUE ESPERAR E FAZER APÓS O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DAS CADERNETAS NO SEMIÁRIDO BAIANO



Esperamos que tenham gostado do mergulho em nossa experiência com as Cadernetas Agroecológicas. Neste capítulo vamos tecer algumas reflexões sobre o que esperamos para o futuro dessa rica e transformadora experiência.

Uma questão que garante o sucesso e a incorporação da experiência com as Cadernetas Agroecológicas no projeto Pró-Semiárido é a criação de um espaço de gestão coletiva, composta por técnicos e técnicas, profissionais representantes de cada entidade de Assessoramento Técnico Continuado (ATC). Durante todo o processo de implantação da metodologia das Cadernetas Agroecológicas esses/as profissionais foram sendo capacitados/as neste espaço de gestão, reflexão e planejamento do trabalho a ser desenvolvido no campo. Eles e elas foram entendendo a proposta metodológica, absorvendo em sua prática de assessoramento técnico e repassando todos os seus aprendizados, para as equipes de suas entidades. É importante afirmar que neste espaço coletivo, com reuniões sistemáticas, trocávamos métodos, desafios e aprendizados com momentos de avaliação e monitoramento das ações.



Patricia Bonfim Vieira (mãe) e Regina Maiane Bonfim Vieira (filha), Comunidade Canaveira, Senhor do Bonfim (BA) - Foto: Manuela Cavadas

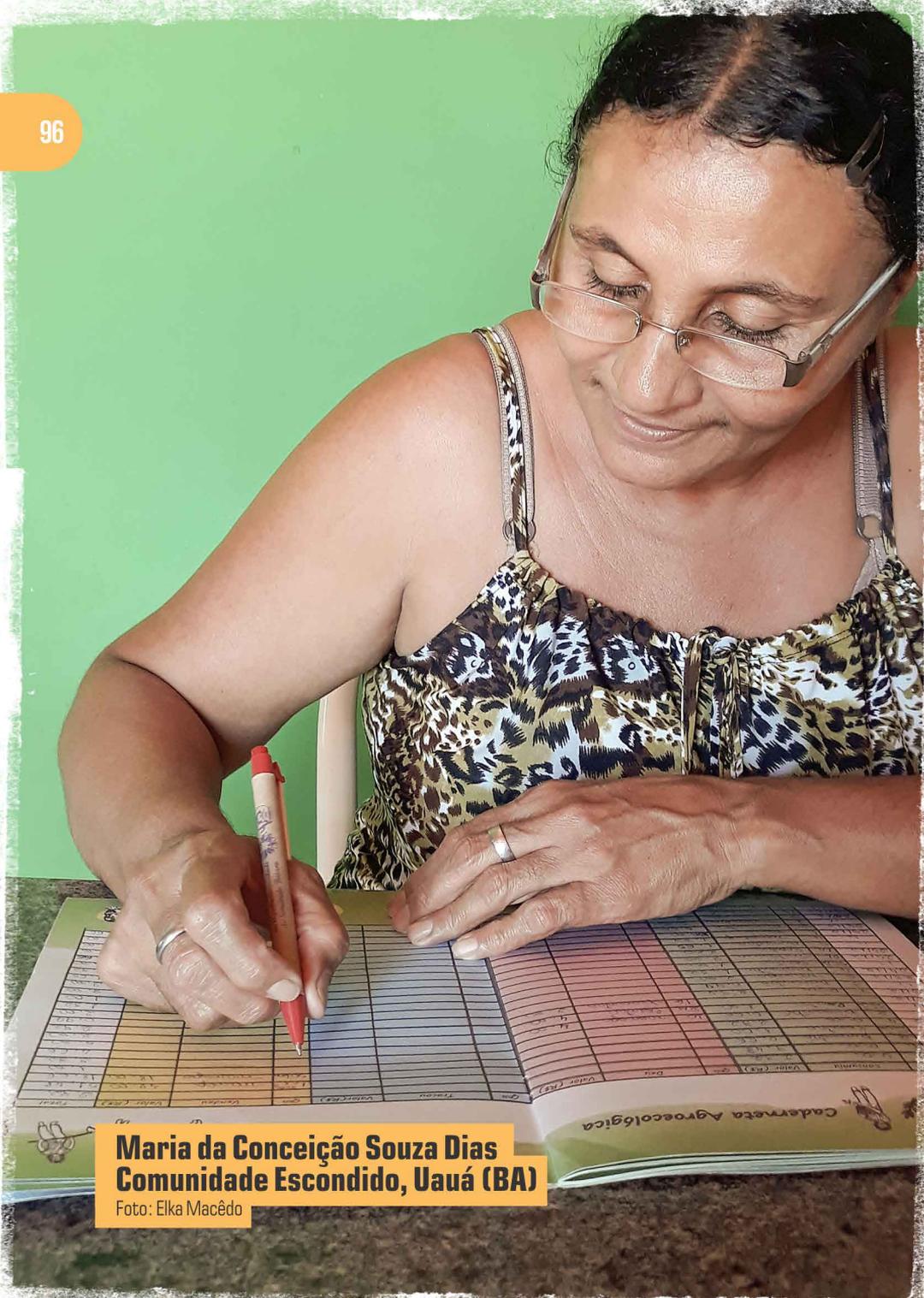
Em tudo que foi relatado nos capítulos anteriores é possível identificar indícios significativos dos novos rumos que as Cadernetas Agroecológicas permitiram no campo das relações de gênero, na vida das mulheres agricultoras, dos técnicos e técnicas e instituições parceiras de ATC. Desde o início da implementação das cadernetas, em 2019, percebemos indícios de mudanças palpáveis, que estão em curso nas estruturas internas do Pró-Semiárido, com uma maior sinergia nas ações de gênero, com os componentes produtivos e do capital humano e social e nas suas relações interinstitucionais.

Já podemos afirmar sobre a incorporação das cadernetas pelas entidades de ATC, não só como uma ferramenta metodológica de registro da produção das mulheres agricultoras, mas de uma metodologia que inclui, visibiliza e empodera as mulheres e os outros sujeitos envolvidos na implementação. Podemos aferir esse impacto mais profundo na vida das mulheres ao presenciar a rede de cooperação geracional, uma corrente de ancestralidade, que foi construída envolvendo filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, para possibilitar às mulheres, que não tinham domínio na escrita a participação efetiva neste processo metodológico revolucionário.

O projeto Pró-Semiárido em seu desenho e estratégia de intervenção vem desconstruindo a ATER convencional, ao assumir o assessoramento técnico na perspectiva da agroecologia e convivência com o semiárido, motivando a utilização de ferramentas e metodologias como, por exemplo, as Cadernetas Agroecológicas e o LUME. Na prática, o assessoramento às famílias agricultoras se baseia no processo de transição agroecológica. Com um longo e rico processo educativo de formação dos técnicos e técnicas das entidades contratadas através do NEACS, ⁶⁰ vem possibilitando a construção do conhecimento individual e coletivo, por base da qualificação das pessoas, das comunidades e de suas organizações. Para tal também estamos permanentemente a construir um “olhar de gênero”, um processo de reeducação do olhar dos/as técnicos/as sobre a realidade social, econômica e ambiental das mulheres beneficiadas pelo projeto e suas próprias práticas de ATER.

⁶⁰ Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas desenvolvido pela AS-PTA com objetivo de dar visibilidade a relações econômicas, ecológicas e políticas que singularizam os modos de produção e de vida da agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais e que têm sido historicamente ocultadas ou descaracterizadas pela teoria econômica convencional

⁶¹ Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido



Maria da Conceição Souza Dias
Comunidade Escondido, Uauá (BA)

Foto: Elka Macêdo

Para a implementação das Cadernetas Agroecológicas e para termos esse bom resultado que alcançamos com essa ferramenta metodológica, o diferencial do Pró-Semiárido foi o assessoramento técnico contínuo, a presença de técnicas mulheres, as visitas sistemáticas ao campo para o acompanhamento individual e coletivo às mulheres; o apoio dos/as ACRs para animar as guardiãs para anotarem suas produções nas cadernetas, com as diversas informações que são geradas nas quatro colunas de venda, troca, doação e consumo. Isso colaborou para abrir a consciência dos/as técnicos/as sobre várias temáticas e desencadeou uma ação contextualizada, feminista, agroecológica, não racista, sobre os vários aspectos das atividades produtivas das mulheres, de modo que puderam planejar, monitorar e qualificar suas estratégias de intervenção.

Pensando no novo, ou melhor, na perspectiva de continuidade e de futuro dessa ação com as Cadernetas Agroecológicas temos que lembrar que todo o trabalho de articulação e construção de parcerias foi sendo construído desde 2016, no início da execução das ações do Pró-Semiárido, com o enfoque de gênero, raça/etnia e geração. Estamos tecendo, ao longo da execução das ações a interação entre as diferentes instituições parceiras, uma verdadeira cooperação interinstitucional, envolvendo as associações comunitárias, a Rede de Mulher do Território Sertão do São Francisco, a Associação Central das Mulheres da Região Piemonte da Diamantina (ACEMUR), a Câmara Temática de Mulheres do Território Piemonte do Itapicuru, as 10 entidades de ATC, pastorais, sindicatos, ONGs, órgãos públicos municipais, outros projetos da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), unidades da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade do Vale do São Francisco (Univasf), seja diretamente ou indiretamente, na realização das nossas ações como: ciranda das crianças, formação de cirandeiras/os, encontros de mulheres, de homens, de jovens, encontros mistos (homens e mulheres), encontros étnico-raciais e utilização das Cadernetas Agroecológicas.

É grande nossa alegria ao ver a metodologia da caderneta sendo incorporada pelas agricultoras e entidades parceiras e os resultados almejados alcançados. Juntas, as agricultoras têm fortalecido os processos de auto-organização enquanto mulheres guardiãs da agrobiodiversidade, beneficiadas por esta ação. Nas reuniões sistemáticas do grupo das Cadernetas Agroecológicas, com os técnicos e técnicas, representantes das entidades de ATC, presenciamos o crescimento e um grande acúmulo de aprendizado da equipe em várias áreas temáticas, ao refletir criticamente sobre as informações sistematizadas a partir dos cruzamentos dos dados gerados pelas cadernetas. Esses aprendizados se levam para a vida.

O novo que sempre vem é a realização do sonho, a materialização da ação com enfoque de gênero interinstitucional, tecida entre as unidades da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), Pró-Semiárido/Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e com a Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiaater). Esta última adotou a Caderneta Agroecológica como metodologia a ser aplicada na chamada ATER Mulheres Rurais. A ação vai beneficiar mais de 5 mil mulheres. O Pró-Semiárido continua a utilizar esse instrumento político e pedagógico durante todo ano de 2021, na perspectiva de fortalecer ainda mais as guardiãs da agrobiodiversidade, por reconhecer o valor do trabalho das mulheres rurais para a economia familiar e consolidar esta metodologia como uma ferramenta fundamental em uma política pública de ATER, que reconhece sua necessidade e sua importância para as transformações das relações sociais de gênero no campo.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Paulo de Bessa. Direito ambiental. 14ª ed. Atlas Editora: São Paulo, 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Notícias. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf]. Acesso em: 25/03/2021

FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. In: BUTTO, A. (org) Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília:MDA, 2009.

LAKATOS EM, MARCONI MA. Metodologia do trabalho científico. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2012. ISBN 85-224-3397-6.

NEVES, D; MEDEIROS, L. (Orgs.) Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

PORTELLA, Ana Paula; SILVA, Carmem; FERREIRA, Simone. Mulher e trabalho na agricultura familiar. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 2004.

PRODUTO 8 - Documento contendo relatório analítico do uso das Cadernetas Agroecológicas, incluindo os meses de julho, agosto e setembro de 2020 nos Projetos FIDA no Brasil

KARAM, K. A Mulher na Agricultura Orgânica e em novas ruralidades. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 2004.12(1), p. 360.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. Mulheres Rurais. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/category/mulheres-rurais/]. Acesso: 23 de março de 2021

SIQUEIRA AESS. Empoderamento de Mulheres Agricultoras: Possibilidades e Limites de um Projeto de Desenvolvimento no Seminário Baiano. 2014. 250f. Dissertação de Mestrado [Programa de pós-graduação em estudos interdisciplinares mulheres, gênero e feminismo], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.



FIDA
Investindo nas populações rurais



COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL

SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL



ISBN: 978-65-994888-2-5

CDL



9 786599 488825